UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GABRIELLA ELAINE FAGUNDES DE CARVALHO

SOBRE O CORPO E O NARCISISMO NA PSICANÁLISE DE FREUD: REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPINAS- SP
2018

GABRIELLA ELAINE FAGUNDES DE CARVALHO

SOBRE O CORPO E O NARCISISMO NA PSICANÁLISE DE FREUD: REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação Física, na área de Educação Física e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Odilon José Roble

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA:
GABRIELLA ELAINE FAGUNDES DE CARVALHO, E
ORIENTADA PELO PROFESSOR DOUTOR ODILON
JOSÉ ROBLE.

CAMPINAS - SP
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

Carvalho, Gabriella Elaine Fagundes de, 1983-
C253s Sobre o corpo e o narcisismo na psicanálise de Freud : reflexões para a educação física / Gabriella Elaine Fagundes de Carvalho. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Odilon José Roble.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Corpo. 2. Narcisismo. 3. Educação física. 4. Psicanálise. I. Roble, Odilon José. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: About the body and narcissism in Freud´s psychoanalysis: reflections for physical education

1. Palavras-chave em inglês:
Body
Narcissism
Physical education
Psychoanalysis

Área de concentração: Educação Física e Sociedade
Titulação: Mestra em Educação Física

2. Banca examinadora:
Odilon José Roble [Orientador]
Cinthia Lopes da Silva
Paula Teixeira Fernandes

Data de defesa: 08-06-2018
Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Comissão Examinadora:

_____

Profº. Drº. Odilon José Roble

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

_____

Profª. Drª. Cinthia Lopes da Silva

Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

_____

Profª. Drª Paula Teixeira Fernandes

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Dedico este texto ao sonhar, que nos permite muitas vezes viver nossos desejos mais secretos e nos torna possível viver a realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao impulso que me conduz ao viver, à força que me faz respirar, ao calor que aquece meu coração nas noites frias, ao alimento que me permite ficar de pé em todo tempo, ao amor que me ensina a prosseguir, a tolerar, a aceitar, a perdoar e experimentar uma liberdade que nada me lembra algemas, ao que chamo de Deus.

Agradeço a minha querida mãe Maria que com seus simples sonhos trazidos do Piauí nunca deixou de lutar, de acreditar e apoiar meus sonhos, meus estudos e que muitas vezes enxergou no silêncio das palavras, mas no gritar de atitudes, mais potencial em mim do que eu mesma poderia ver.

Agradeço as minhas irmãs Dani e Tati que cresceram ao meu lado como amigas e participando dos momentos mais importantes da minha vida, que me ajudaram a crescer no lar das quatro mulheres e me tornar a mulher forte que hoje sou.

Agradeço ao meu marido Helder que nos 14 anos que estamos juntos nunca desistiu de mim, que carrega em seu coração um amor e paciência por mim imensuráveis e que me dá certeza todos os dias de que tudo vale a pena e quando parecer não valer, ali encontro um ombro para me deitar e a certeza de um consolo sincero. A pessoa que colocou para mim um patamar do quanto merecemos ser amados, e ele é bem alto.

Agradeço ao meu orientador Odilon que abriu um novo caminho para o meu pensar, que desconstruiu muralhas nos meus pensamentos e que, por isso, possibilitou-me levar os conhecimentos adquiridos no mestrado para a vida. A quem eu posso dizer que tornou o estudo da Psicanálise muitas vezes clínico durante nossas longas conversas de orientação. Espero um dia ser capaz de ter a sensibilidade à vida e ao texto que você sempre demonstra ter.

Agradeço a minha amiga Bruna que me acolheu nos primeiros dias de mestrado, que entendeu minhas apreensões e nunca fez dela menores do que eram, que se tornou amiga, conselheira e ouvinte, que viveu minhas lutas acadêmicas como se fossem delas e que agora é uma amizade para a vida toda.

Agradeço a minha amiga Betina que me ajudou nas ideias, correções e dispôs do seu valioso tempo do doutorado para me ajudar, que sempre me deu dicas e me mostrou o quanto seria difícil trabalhar e fazer mestrado, mas que era possível.

Agradeço ao meu colega de orientação Fidel Machado, em quem encontrei apoio ao texto todas às vezes em que precisei, que esteve sempre disposto e disponível para dúvidas, leituras, e que talvez não tenha noção da importância que foi, pois tem o dom da arte de ser professor e pesquisador, mas foi luz em muitas noites de escrita.

Agradeço a secretária da pós-graduação Simone por ser sempre clara em suas informações, estar disponível a dúvidas e auxiliar de forma tão competente e humana as minhas dúvidas e solicitações.

Agradeço a escola Barracão da dança onde eu descobri a dança, a qual não foi descoberta durante o mestrado, mas por causa dele. Se eu sou o meu corpo, foi na dança que eu finalmente aprendi a vivê-lo. Todos os dias penso: por quê não passei por aquela rua antes? Por quê não ouvi aquela batida pela qual me apaixonei antes? E hoje eu me imagino sem fazer muitas coisas, mas não sem dançar. Não sou dançarina, talvez não tenha nem as qualidades técnicas, mas tenho finalmente algum poder sobre seu principal instrumento, meu corpo.

Agradeço à Unicamp, que para mim não é só um local cheio de prédios, alunos e professores, é um lugar que sempre me inspira sonhos, me inspira a querer conhecer mais, ler mais, estudar mais e achar que nunca é o suficiente. Um lugar que meus olhos não se cansam de tanto observar, onde a pluralidade dos seres se mistura com aqueles que vivem dentro de mim. Lugar onde meu pai passou seus últimos suspiros antes de falecer, mas também onde conheci meus melhores amigos, minhas melhores leituras, meus maiores desafios e uma Gabriella em mim que eu não saberia descrever.

Agradeço à professora Helena Altmann que me fez descobrir na graduação o prazer da pesquisa e acreditou que eu era capaz. Foi por suas palavras que me inscrevi para a seleção do mestrado.

Agradeço aos professores Francisco e Paula, membros da banca, por serem tão solícitos e terem um olhar tão cuidadoso para a mente e para o corpo, por terem colaborado para um texto tão desafiador como foi este para mim e por me darem o prazer de tê-los em minha história acadêmica.

Por fim, agradeço àqueles que também sustentam minha vida com amor, amizade, cumplicidade, risadas e que tornam a vida mais prazerosa e leve: meu sobrinho e melhor amigo Laércio, que me ensina todos os dias que podemos ser melhores quando estamos juntos, que algumas amizades são pra sempre e que

algumas conversas nunca terão fim; a minha amiga Viviane, que me faz sentir o amor da amizade; as minhas cachorras, Julie, Lana, Amora, Miley, Max e Duda, por serem materialização da expressão "amor incondicional”; à minha terapeuta Juliana, pela experiência da fala psicanalítica; à minha família, amigos, trabalho, conhecidos, os quais todos os dias contribuem para uma nova descoberta em mim.

RESUMO

O presente texto discute a noção de corpo na Psicanálise, especificamente no contexto teórico do narcisismo. Ainda que não tão presente na Educação Física, a Psicanálise trouxe elementos preciosos para a representação do corpo e sua relação com o sujeito, tais como: a identificação do mesmo enquanto ser, o corpo como ferramenta psíquica (além de biológica), a estruturação do aparelho psíquico e sua relação com o desenvolvimento do sujeito, o desenvolvimento da personalidade, o conceito de autoestima, entre outros. Nossa proposta objetivou, a partir da teoria de Sigmund Freud, pensar como o conceito de narcisismo parece contribuir para a noção de corpo e inferir conexões com a Educação Física. A leitura de Freud aqui proposta não objetivou uma doutrinação psicanalítica para a área, mas a discussão e rediscussão, o conhecimento, o contato com um conhecimento de corpo diferente do habitual, podendo propiciar uma maior aceitação como fonte de prazer, desejo e constructos que podem ser explorados, entendidos e manifestos quando possível. O narcisismo contribuiu, assim, para a noção de corpo na Educação Física enquanto possibilidade de construção de um corpo que pode ser sentido, vivido, escutado e falado. Um corpo que não precisa mais ser apenas desenvolvido biologicamente, treinado, performático, rentabilizado e medido. Não são mais estruturas que, trabalhadas separadamente, moldam um todo e, sim, um todo pulsionado por desejos, sonhos, sentimentos, reações e incertezas que mesmo quando não tem as medidas padrões, a potencialidade dominante, nem os contornos mais belos, é também uma expressão do eu.

Palavras-chave: Corpo; Narcisismo; Educação Física; Psicanálise.

ABSTRACT

The present text discusses the notion of body in Psychoanalysis, specifically in the theoretical context of narcissism. Although not so much in Physical Education, psychoanalysis has brought precious elements for the representation of the body and its relation with the subject, such as: the identification of the same while being, the body as a psychic (as well as biological) tool, the structuring of the apparatus psychic and its relation with the development of the subject, the development of the personality, the concept of self-esteem, among others. Our proposal aimed, from the theory of Sigmund Freud, to think how the concept of narcissism seems to contribute to the notion of body and to infer connections with Physical Education. Freud's reading here proposed did not aim at a psychoanalytic indoctrination for the area, but the discussion and rediscussion, the knowledge, the contact with a body knowledge different from the habitual one, being able to propitiate a greater acceptance as a source of pleasure, desire and constructs that can be explored, understood and manifest when possible. Narcissism thus contributed to the notion of body in Physical Education as a possibility of building a body that can be felt, lived, heard and spoken. A body that no longer needs to be only biologically developed, trained, performative, monetized and measured. They are no longer structures that, worked separately, shape a whole, but a whole pulsed by desires, dreams, feelings, reactions and uncertainties that even when it does not have the standard measures, the dominant potentiality, nor the most beautiful contours, is also an expression of self.

Keywords: Body; Narcissism; Physical Education; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **12**
1 SOBRE A PSICANÁLISE **19**
2 PENSAR O CORPO **29**
2.1 O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA **29**
2.2 CORPO(S) EM FREUD E O DISCURSO DO DESEJO **33**
2.2.1 A teoria do desenvolvimento psicossexual **34**
2.2.2 O discurso do desejo em Freud **37**
2.2.3 O corpo na histeria **41**
2.2.4 O corpo obsessivo **42**
2.2.5 O corpo erógeno **43**
2.2.6 O corpo no autoerotismo e o eu – corporal **44**
3 SOBRE O NARCISISMO **46**
4 O CORPO NO NARCISISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS 57
4.1 O corpo no narcisismo: contribuições para a Educação Física **65**
CONSIDERAÇÕES FINAIS 71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **74**

INTRODUÇÃO

Os estudos de Sigmund Freud (1856 – 1939) foram indiscutivelmente dos mais importantes pensamentos para a compreensão da condição humana, em especial no que concerne ao seu bem-estar psíquico. Suas obras impactaram o conhecimento psicológico, antes enraizado num viés religioso, e o estendeu para a existência humana e para a formação do sujeito.

Ainda que não presente na Educação Física, a Psicanálise trouxe elementos preciosos para a representação do corpo e sua relação com o sujeito, tais como: a identificação do mesmo enquanto ser, o corpo como ferramenta psíquica (além de biológica), a estruturação do aparelho psíquico e sua relação com o desenvolvimento do sujeito, o desenvolvimento de sua personalidade, o conceito de autoestima, entre outros.

A descoberta do narcisismo modificou a perspectiva da teoria psicanalítica freudiana e produziu alterações que reformularam pensamentos já postos sobre os conflitos psíquicos a que o homem estava sujeito. A importância se pauta principalmente na modificação que produziu na teoria pulsional que direcionava todo seu pensamento psicanalítico, a qual será descrita mais tarde.

O pensamento freudiano passou por profundas reconfigurações que afetaram a maneira como o corpo era visto e sentido e também produziu novas reflexões acerca das relações humanas e como as mesmas eram vivenciadas neste corpo. Assim, tal conhecimento pode contribuir ricamente para a noção de corpo que foi construída historicamente na Educação Física e até mesmo colaborar em novos modos de se pensar a educação do corpo.

O retrato contemporâneo da sociedade parece estar permeado de relações interpessoais enfraquecidas e constituídas de uma valorização exacerbada da imagem, do corpo perfeito, de padrões quase inalcançáveis e de respostas a esse retrato envoltas de sofrimentos e transtornos psíquicos que convergem para o corpo. Transtornos advindos do efeito colateral deste contexto estão cada vez mais presentes nas pesquisas das

áreas que se relacionam com o corpo nas instâncias mental, física e social (BERG, 2008).

> Como gostar de sua dimensão corporal, da sua cor, sua forma, seu peso e estatura num contexto bombardeado de apelo para a adoração e a valorização do corpo padronizado, que vincula beleza com magreza, no caso das mulheres e musculatura definida e volumosa, no caso dos homens. (PAULA, 2014, p.87)

> Nos últimos anos a prevalência de problemas associados à imagem corporal aumentou de maneira geral entre a população, da mesma forma que aumentou o interesse por essa área de estudo. Quando distorcida, a representação da imagem corporal pode levar a pessoa a riscos sociais, psicológicos e patológicos, como transtornos alimentares e depressão (SMOLAK, 2012 apud PAULA, 2014, p.89)

Muitas são as teorias e os métodos para se entender os processos que ocorrem na mente. O presente texto pautou-se em um recorte específico: o conceito de narcisismo na Psicanálise e sua relação com o corpo. Vejamos, a priori, o que é o conceito e seu alcance.

> Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem, portanto, uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia "começa", possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão. (...). Também não há conceito que tenha todos os componentes, já que seria um puro e simples caos: mesmo os pretensos universais, como conceitos últimos, devem sair do caos circunscrevendo um universo que os explica (contemplação, reflexão, comunicação...). Todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. É por isso que, de Platão a Bergson, encontramos a ideia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição. É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 27).

O entendimento da noção de corpo no narcisismo será entrelaçado por diferentes componentes que o constrói, haja vista que a complexidade da Psicanálise exige que uma cadeia de conceitos seja amarrada para a compreensão de um. O corpo como palavra, conceito, estrutura anatômica e psíquica tem com a Educação Física estreita relação, não só pelo viés da prática corporal, do movimento, mas como objeto de estudo da área e das suas diferentes sub-áreas, as quais encontram dificuldade de entrelaçamento devido à separação curricular:

> Cada vez mais se torna difícil separar o bacharel do licenciado simplesmente pelos espaços não-escolares e escolares [...]. [...] não podemos aceitar argumentos que justifiquem e impõem diferenças entre os currículos [...] pela ausência ou presença de disciplinas como anatomia, didática, fisiologia, sociologia, biomecânica, filosofia. Ou ainda, que cada uma dessas deve ser transmitida de modo mais aprofundando em um e de forma mais superficial em outro currículo (SILVA e ZOBOLI, 2010, p.3).

Nos parece importante destacar qual o percurso prático e teórico que trilhamos até considerar a Psicanálise como um saber útil aos dilemas vivenciados e que se mostram presentes no campo de investigação da Educação Física. No presente texto, o conceito de corpo na Educação Física foi ancorado nas discussões presentes por alguns autores na série "Corpos" (CAVALCANTE JR., 2014 a 2017), de um coletivo de autores, organizada em torno do Núcleo de Integração Somaestética, sediado na Universidade Federal do Ceará e contando com pesquisadores de várias instituições de ensino superior. As obras desta série delineiam crítica compatível com o que se busca na dissertação, a fim de entender como as práticas e ideias herdadas pela área apontaram para uma educação do corpo que desconsidera ou relega a segundo plano sua subjetividade. Buscamos na Psicanálise uma possibilidade de oferecer alternativas para se pensar a questão da educação do corpo.

A percepção acima levantada não desconsidera as atuais metodologias, tampouco implica em minimizar sua importância, apenas permite considerar maior reflexão na área da Educação Física sobre o papel psíquico do corpo na formação do sujeito e, consequentemente, suas experiências corporais. Todavia, a partir de suas inúmeras incertezas, o corpo suscita diversas demandas epistemológicas e convoca constantemente sua discussão. Assim, a Psicanálise apresenta-se no texto como um novo olhar para o corpo e sua formação/relação com o sujeito.

A escolha não tão usual da Psicanálise para estudos no campo da Educação Física, deu-se pela necessidade de respostas a questionamentos fomentados na vida pessoal e acadêmica, visto que, desde minha graduação, o estudo da sexualidade como direcionador dos comportamentos e assimilações dos corpos da Educação Infantil tomaram um rumo diferente.

A percepção de que a maneira como o corpo adulto lidava consigo mesmo recaía diretamente em suas ações para com o corpo infantil no ambiente escolar mostrou que esse entrelaçamento de ações e corpos era mais complexo do que o que era percebido por mim. Em outras palavras, o processo de autoconhecimento, a análise ou mesmo o aporte da Psicanálise são possíveis contribuições para aprofundamento nessas inter-relações na medida em que tencionam a condição intersubjetiva e, sobretudo subjetiva no que tange a construção de si.

As indagações que surgiram rodeavam entre: será que o mais forte sempre vence? O mais velho sempre domina? O mais inteligente sempre ensina? O corpo é sempre domado? Quais corpos determinam as experiências de dor e prazer a serem vividas? Essas e outras questões não conseguiam mais serem pensadas somente a partir do corpo infantil. Como o corpo e suas relações consigo mesmo e com o outro deveria ser pesquisado, visto, sentido?

A pós-graduação trouxe então, em meio a reflexões e indagações no processo de orientação, o direcionamento do olhar para um corpo mais subjetivo, mais introspectivo, com seu inevitável componente inconsciente. A Psicanálise surgiu como ferramenta para novas inferências e reflexões sobre o corpo e como o mesmo pode ser visto na Educação Física.

O texto discorreu sobre o corpo no pensamento de Freud que é, antes de tudo, uma construção ancorada na relação com o outro, em um processo desde o nascimento. Para tanto, a edificação do texto aborda o corpo a partir da reflexão de aspectos do conceito psicanalítico do narcisismo.

Diante da revisão bibliográfica realizada, não nos parece haver uma nomeação específica das questões do corpo nos escritos de Freud sobre o narcisismo, ainda que muitas passagens se relacionem indiretamente com o corporal. O corpo considerado um vasto domínio que atravessa toda a Psicanálise, não só como um meio de expressão, de locomoção, mas como um suporte para se dizer coisas, como local de acontecimentos que se expressam externamente. Tal tratamento do corpo nos parece interessante para sugerir aportes ao pensamento na área da

Educação Física. Esta reflexão teve por objetivo, portanto, destacar estas passagens e discorrer sobre elas, propondo, assim, um entendimento complementar à obra nos limites de sua contribuição.

O narcisismo trouxe aos estudos de Freud o movimento divisor de águas para transpor o corpo dividido em partes (em zonas erógenas) para um corpo unificado, de maneira que todas as partes são capazes de excitar o sujeito, de produzir satisfação. É considerando esse corpo que o autor traz que a libido[1] retirada do mundo externo foi dirigida ao ego, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de Narcisismo (FREUD,1914/1974).

São as reflexões emergentes sobre esse corpo no narcisismo que objetivamos trazer para a Educação Física. Fazer um paralelo de como o corpo modelo, presente não só no ideário da Educação Física, mas no pensamento de grande parte da sociedade contemporânea, exige além de extensiva demanda física, também psicológica.

A partir da discussão acerca do conceito de narcisismo de Freud e comentadores, uma questão se impôs e se objetivou discutir: o que podemos refletir sobre o conceito de narcisismo e sua contribuição à noção de corpo na Educação Física? Pensando ser o corpo visto mais frequentemente a partir de noções biológicas e de imagens, padrões de estereótipos de corpo, buscamos no texto uma reabertura dos debates mais próxima da proposta freudiana.

O texto tem como aparato a metodologia filosófico-conceitual a fim de instigar inferências para a construção e/ou reflexão de novos conceitos, valores e formas de conceber os assuntos aqui discutidos promovendo novas afecções na vida e na área da Educação Física. A metodologia filosófico-conceitual promove reconceitualizações cujo valor não mais se oculta sob a ideia de verdade. Não encerra doutrinas filosóficas e mantém o caráter questionador da filosofia, constituindo-se como um instrumento para se pensar os conceitos envolvidos e propostos nas práticas e políticas a que se refere (MARTINS, 2004).

[1] Libido é o termo usado por Freud para descrever a energia criada pelos instintos sexuais e de sobrevivência e que afeta nosso comportamento, direcionando-o. Diante disso, ele diferenciou dois tipos de pulsões: de vida e de morte (FREUD, 1905/1996f).

> O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual ele se encarna (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.46).

A possibilidade de construção e reconceitualização, além de novos posicionamentos dos conceitos propostos por Freud que, também é considerado filósofo por suas ideais, justifica a utilização de tal metodologia. Serve para atribuir um novo olhar para ideias, conceitos, estudos e pesquisas já cristalizadas e que necessitam recorrentemente serem debatidas e contextualizadas.

"Os filósofos (...) não devem mais se contentar em aceitar os conceitos que lhe são dados, (...), é preciso que comecem a fabricá-los, criá-los, colocá-los, e persuadir os homens a recorrer a eles" (NIETZSCHE apud DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 13-14).

A constituição da metodologia filosófico-conceitual propiciou a nossa pesquisa uma compreensão mais ampla do possível papel da filosofia na área da Psicanálise e da Educação Física. Esta forma de abordagem nos parece compatível, uma vez que a Psicanálise aqui discutida não foi abordada pela sua natureza clínica, mas fundamentalmente conceitual e argumentativa, propondo nexos de inteligibilidade entre este saber e o universo de temas que dialogam com a Educação Física.

> Podemos compreender seus conceitos no lugar de origem, na filosofia que lhes gerara, e a partir dessa compreensão, retirar este conceito – isolá-lo e utilizá-lo como ferramenta para redimensionar e repensar uma questão atual. Seja recriando conceitos, seja redefinindo conceitos já existentes, seja forjando novos conceitos, estes nos servirão para estabelecer matizes de sentido que esclarecerão confusões da prática e do debate atual em saúde (MARTINS, 2004, p.956).

A utilização desta metodologia possibilitou, portanto, pensarmos o corpo no conceito de narcisismo a partir de um olhar para a Educação Física, que não é o originalmente pensado por Freud, e assim, utilizarmos os conceitos psicanalíticos como ferramentas para repensarmos questões

atuais do corpo. Seja na redefinição de conceitos, seja na criação de novos, seja em seu reposicionamento (MARTINS, 2004).

A introdução deste texto busca então situar o contexto em que a Psicanálise foi escolhida como sua base teórica e a relevância do estudo, além do objetivo da dissertação e apresentar a utilização da metodologia filosófico-conceitual para ampliar as possiblidades de inferências e filosofar. A teoria psicanalítica é de grande complexidade, por isso o texto não tem um caráter clinico, buscando assim ser o mais explicativo e coeso possível com as conexões que se dispôs.

O texto é composto por quatro capítulos; No primeiro momento, situamos o contexto em que a Psicanálise foi fundada como teoria, destacando conceitos básicos que principiam o entendimento dos capítulos seguintes, em especial a diferenciação da primeira e segunda tópica do aparelho psíquico.

No segundo capítulo, o corpo foi descrito a partir de uma visão da Educação Física para que se pudesse entendê-lo quando relacionado à área. A fim de contextualizar alguns dos textos utilizados, conceituamos a teoria psicossexual, o desejo e algumas ideias acerca da corporeidade em Freud, a partir das perspectivas de algumas teorias do autor relacionadas com aspectos relevantes ao tema do narcisismo.

No terceiro capítulo, adentramos especificamente no conceito de narcisismo, o objetivo foi descrever sua trajetória conceitual, contextualizar as mudanças que o acometeram e entender os aspectos relacionados ao corpo presentes neste caminho.

No quarto e último capítulo, apresentamos o corpo descoberto no narcisismo e fizemos relações entre este e a Educação Física. O narcisismo como alternativa para mais um olhar para Educação Física encontrou no estabelecimento destas relações as reflexões e considerações que foram apresentadas no final do texto.

1. SOBRE A PSICANÁLISE

Freud desenvolveu uma vasta literatura relacionada aos processos mentais, criando os conceitos fundamentais de sua original teoria psicanalítica. Foi uma grande revolução para sua época, pois suas ideias desconstruíam pensamentos científicos já postos, uma vez que expandia o olhar biológico e religioso, para a singularidade interna do sujeito.

O autor falou pela primeira vez acerca de sua teoria, a Psicanálise, em 1909, no salão de conferências de uma universidade norte-americana. Embora de lá aos dias atuais muitos tenham sido os psicanalistas e os estudos oriundos de sua teoria, é certo que Freud ainda é considerado o “pai” e fundador da Psicanálise, como ele mesmo se considerava. Tal método consiste basicamente em alternativa para investigação de processos mentais que afetam, de alguma forma, a existência do sujeito por meio da análise de conflitos inconscientes originados em sua infância e relacionados a sua vida sexual (FREUD,1914).

Em seu artigo “A história do movimento psicanalítico”, o autor discorre que à Psicanálise compete tornar acessível o conteúdo inconsciente na vida do sujeito por meio da interpretação das palavras, dos atos, dos sonhos e principalmente da associação livre. O método da associação livre foi o grande diferencial no tratamento de seus pacientes e um marco para a época. Trata-se, fundamentalmente, de uma técnica de expressão da fala do paciente de modo livre, sem restrições ou cronologia, na qual o paciente expressa emoções e pensamentos da forma como se apresentam para si (FREUD,1914).

A partir da associação livre, Freud buscou entender o que refletia ou não em um conflito inconsciente. A teoria determinou alguns mecanismos de defesa como condicionantes das ações e pensamentos conscientes do sujeito e pôde, a partir destes, determinar o quanto o mesmo era angustiado por eles. Tais mecanismos, na verdade, são ações psicológicas que objetivam minimizar qualquer manifestação que coloque em perigo a integridade do ego e que pareçam ameaçadora ao sujeito

(FREUD, 1946/1978). Vários são os mecanismos de defesa utilizados e Freud os diferenciou baseado na intensidade da psicopatologia[2] identificada. São eles: negação, distorção, projeção, repressão, isolamento, anulação, deslocamento, formação reativa, sublimação, altruísmo, ilusão, humor, supressão, fantasia entre outros (FREUD, 1946/1978). Ao longo do presente texto, alguns mecanismos foram destacados para melhor compreensão do objetivo geral.

Podemos pensar a obra de Freud nos dois momentos em que estruturou a divisão do aparelho psíquico, que é o nome dado à estrutura mental proposta por ele. Primeiramente foi dividida em inconsciente, pré-consciente e consciente, e posteriormente modificada e dividida em três elementos que unidos trabalham nas ações e reações, o Id, o Ego e o Superego (FREUD, 1923/1990b).

A primeira e segunda tópica são de extrema importância para a compreensão de como reconfiguram a noção de corpo na teoria de Freud, e o conceito de narcisismo foi essencial para essa reconfiguração. Situado no primeiro momento, verificou-se que as neuroses aparecem para a Psicanálise como eixo norteador de toda ação de Freud, a sexualidade e sua importância para a vida mental. Tais neuroses demonstraram, através de uma teoria da sexualidade uma série de deliberações que levam o sujeito ao sofrimento (FREUD,1900;1923/1990b).

Acredita-se que o termo neurose[3] tenha sido introduzido pelo médico escocês William Cullen, em 1769. Cullen fez menção ao termo para definir desordens do sentido e ação do sujeito, remetendo-se a conflitos nervosos e sintomas que não poderiam ser explicados psicologicamente.

O entendimento preciso do termo parece nascer com Freud quase um século depois com a definição de que a neurose era a expressão da incapacidade do sujeito de lidar com os conflitos e traumas entre os desejos de seu inconsciente de forma satisfatória, uma defesa para um conflito que não sofreu total recalcamento. O recalque, por sua vez, é o

[2] Ramo da medicina que se ocupa do estudo ou tratado sobre as perturbações e doenças mentais, tanto no que concerne à sua descrição e classificação como a seu mecanismo e evolução (Michaelis, 2018).
[3] O conceito de neurose deriva da palavra grega *neuron* (nervo) com o sufixo *osis* (doença ou condição anormal) (MIJOLLA,2005).

conceito da Psicanálise desenvolvido por Freud que faz menção ao mecanismo mental de defesa contra ideias que sejam incompatíveis com o eu, consistindo em afastar do consciente determinada ideia que provoque ansiedade ao sujeito. Apesar de estar no inconsciente, a ideia reprimida (pode ser um pensamento, um sentimento, um desejo, uma pulsão) continua existindo e passível de provocar outros problemas (FREUD, 1917/1969).

Aqui cabe apresentar o conceito de pulsão desenvolvido por Freud. Amplia a noção de corpo meramente biológico para uma dimensão na qual o corpo revela uma característica pulsional, erotizada, repleta de desejos que precisam ser satisfeitos. A pulsão é a representação dos estímulos que se originam no corpo (biológico) e chegam ao psíquico, como uma reivindicação de que o mesmo precise vivenciá-los em conjunto. Destaca-se que a pulsão refere-se quase que em seu todo à sexualidade e que essa pulsão sexual no humano difere da noção de instinto, este é um padrão hereditário. É um movimento inconsciente que precisa ser descarregado em algum objeto (FREUD, 1916/1996c).

A repressão acontece porque a satisfação direta dessa pulsão, que se destina a causar prazer, poderia causar desprazer ao entrar em dissonância com as exigências provenientes de outras estruturas psíquicas ou exigências do meio exterior. Tal conflito reside entre as instâncias do aparelho psíquico Id e Ego, num embate entre o que o sujeito de fato é e aquilo que ele deseja (ou desejou) ser (FREUD,1915/1980a).

A condição de neurose parecia afetar de alguma forma todo sujeito, uma vez que, em algum momento, angústia ou ansiedade o tomaria completamente. Porém, como característica para diferenciar da condição de psicose[4], a neurose não impede ou afeta o pensamento racional. A constante presença da condição fez Freud trazê-la como uma experiência normal a todo sujeito (FREUD, 1917/1969).

Assim, na primeira tópica, Freud distinguia o aparelho mental em três instâncias principais: no pré-consciente situavam-se as ideias que mais

[4] A psicose seria um conflito semelhante ao da neurose, porém um distúrbio entre o Ego e o Mundo, que afeta o pensamento racional do sujeito, provoca um distanciamento da realidade (MIJOLLA,2005).

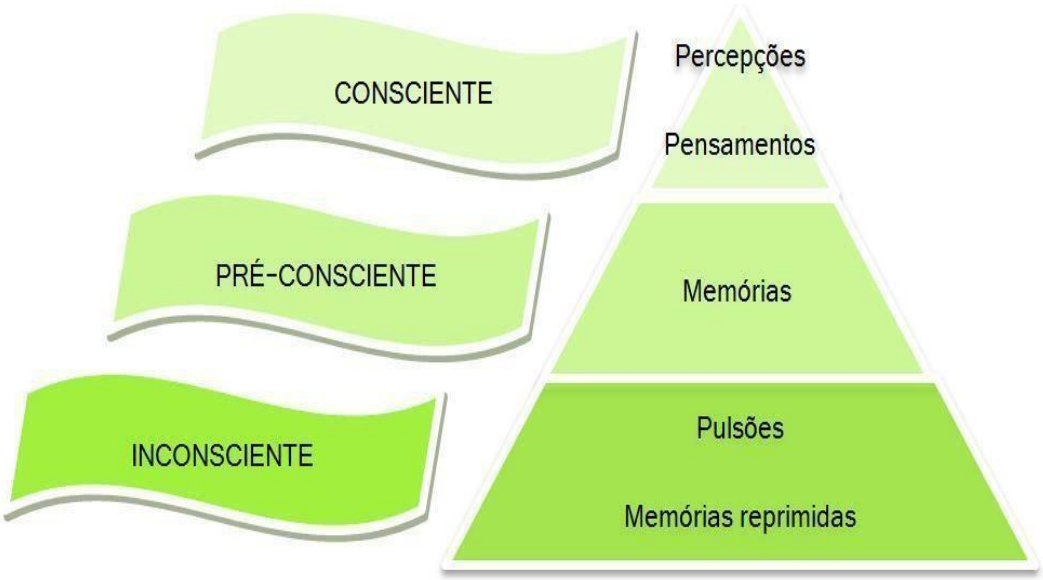
facilmente poderiam atingir o consciente, que não foram (ou exigiriam ser) totalmente recalcadas; o consciente referia-se a região em que as ideias do sujeito tiveram acesso direto à consciência, e por fim, o inconsciente remetia ao local em que se acomodavam tudo que foi reprimido pela consciência do sujeito e estava assim, inacessível a ele.

Porém, a primeira tópica não conseguia lidar com as questões clínicas apresentadas a Freud por seus pacientes, as quais estavam envolvidas nos desdobramentos da teoria do narcisismo. O conceito de inconsciente não se restringia mais apenas a um local no mecanismo mental, vários eram os inconscientes encontrados por Freud em sua clínica, os quais agiam de diferentes formas.

Desta forma, o termo deixou de ser uma parte da topografia de Freud e passou a ser um termo qualificador que se aplicaria aos processos mentais discutidos e que não dependiam de uma localização topográfica. Na segunda tópica, o inconsciente pode ser uma parte encontrada no ego e no superego, enquanto que os componentes do ID não podem se tornar conscientes sem serem transformados em representações, ficando as suas formas originais inconscientes (FREUD, 1923/1990b).

A tópica não conseguia localizar o que mediava a relação entre as demandas internas e externas do sujeito, o ego, seu desenvolvimento e suas consequentes relações, além do seu desenvolvimento psicossexual (FREUD, 1914). Freud descreveu o desenvolvimento da personalidade por meio de uma série de etapas na infância em que as energias da busca do prazer do id focam-se em determinadas áreas erógenas. Esta energia psicossexual, ou libido, foi descrita como a força motriz por trás do comportamento (GARCIA-ROZA, 2008). A primeira tópica do aparelho psíquico de Freud está ilustrada na Figura 1:

Figura 1 – Primeira tópica do aparelho psíquico



Fonte:http://psicofadeup.blogspot.com.br/2011/04/freud-e-sicanalise.html

O segundo momento acontece na virada dos anos 20. Neste momento, alguns conceitos por Freud já estabelecidos sofrem profunda reflexão, tais como a definição de narcisismo e a introdução da ideia de investimento do ego pela libido, ocasionando na desconstrução do já posto conflito entre as pulsões sexuais e do ego, denominado primeiro dualismo pulsional.

> O conceito (de narcisismo) é retomado no artigo sobre Leonardo da Vinci, de 1910, e na análise do caso Schreber, publicado no ano seguinte. O capítulo III de *Totem e Tabu* dedica um espaço maior ao assunto, quando Freud compara o narcisismo à fase animista da história da humanidade, mas é no artigo de 1914, para introduzir o narcisismo, que a carga explosiva do conceito surge em sua plenitude. (GARCIA-ROZA, 2008, p.18)

Em 1923, com a obra “O ego e o Id”, Freud propôs uma nova forma de se estruturar o aparelho mental. Ele desconstrói a ideia de inconsciente como uma única região psíquica e passa a considerá-lo como adjetivo para diferentes ações mentais em diferentes localizações do

aparelho psíquico. Os termos id, ego e superego são então os novos componentes estruturais da psique humana.

Entende-se por id o componente herdado, a parte da personalidade que está presente desde o nascimento, e por isso ele inclui os instintos e seus comportamentos primitivos. É a estrutura da personalidade original, básica e, assim, principal. O id é a cisterna energética de toda a personalidade. Todo seu conteúdo é inconsciente e estimulado pelo princípio do prazer, o qual age em busca de satisfação imediata das necessidades. Estas, uma vez não satisfeitas, produzem um acumulo de tensão sobre o sujeito. No segundo capítulo desta dissertação podemos observar que essa exigência imediata do id assegura as demandas no início da vida para necessidades ainda dependentes do outro (FADIMAN e FRAGER, 1986).

O ego por sua vez corresponde a parte do aparelho psíquico que está em direto contato com a realidade externa. O seu desenvolvimento ocorre a partir do id e tem a tarefa e auto preservar o sujeito. O id está mais sensível à necessidade, já o ego a controla e a contextualiza dentro das regras socialmente estipuladas.

> São estas as principais características do ego: em consequência da conexão preestabelecida entre a percepção sensorial e a ação muscular, o ego tem sob seu comando o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de autopreservação. Com referência aos acontecimentos externos desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos externos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente internos (mediante a fuga), lidando com estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). Com referência aos acontecimentos internos, em relação ao id, ele desempenha essa missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações. É dirigido, em sua atividade, pela consideração das tensões produzidas pelos estímulos; despejam estas tensões nele presentes ou são nele introduzidas. A elevação dessas tensões é, em geral, sentida como desprazer e o seu abaixamento como prazer. O ego se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer (FREUD apud FADIMAN e FRAGER, 1986, p.9).

A última instância da estrutura psíquica é denominada superego e desenvolve-se a partir do ego. O superego é o regulador das ações e pensamentos do sujeito abrigadas no ego. Nele, os valores morais, crenças e hábitos adquiridos pelo sujeito são censurados e classificados como possíveis ou não de serem externalizados explicitamente. O superego tem como função principal a formação das ideias, a consciência e a auto-observação (FREUD,1923/1990b).

Quanto ao superego Fadiman e Frager (1986, p.10) destacam que “enquanto consciência, o superego age tanto para restringir, proibir ou julgar a atividade consciente; mas também age inconscientemente. As restrições inconscientes são indiretas, aparecendo como compulsões ou proibições”.

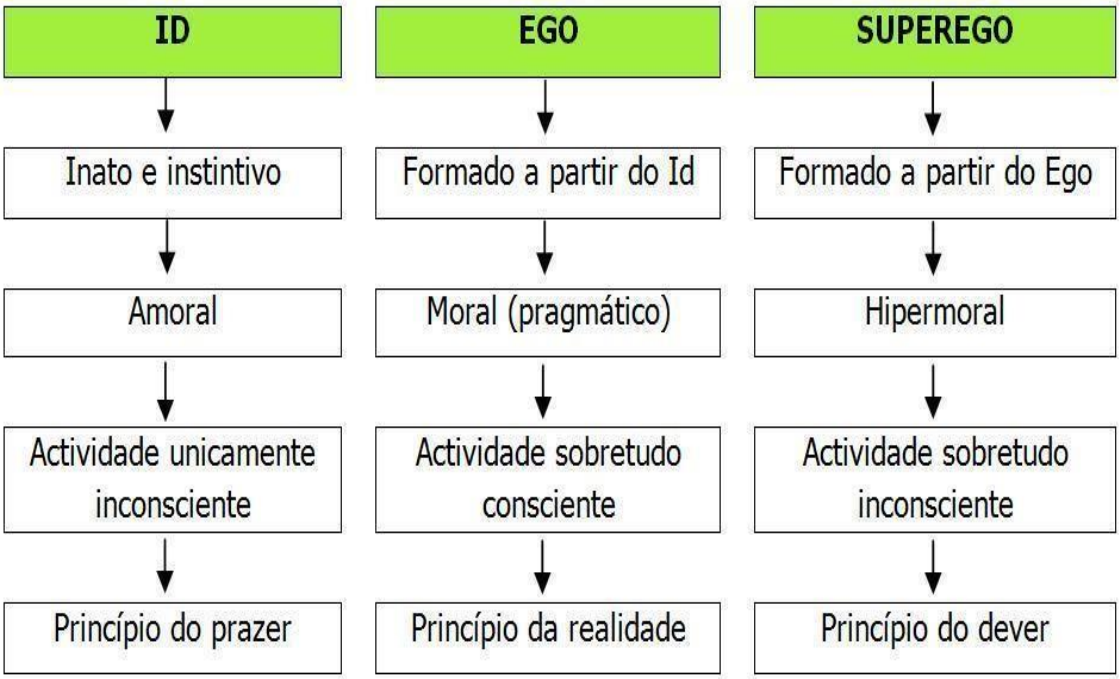
O superego do sujeito é construído seguindo o exemplo do superego de quem o criou, geralmente os pais, e assim vemos valores, tradições e crenças que são transmitidos de geração para geração. Tal fato será determinante mais adiante para entendermos como as proibições construídas no superego inibem diretamente o corpo do sujeito, não somente como ser pensante, mas também em seu comportamento corporal.

> De fato, a consequência primeira da introdução deste conceito é que o Eu passa a ser objeto da libido, de modo que a pulsão sexual já não se atém a lançar-se em direção a outros objetos, mas passa a investir também o próprio Eu. Um impasse assim se constitui. Freud, doravante, terá dificuldades para sustentar o primeiro dualismo pulsional. Ao mesmo tempo, e por conta dessa nova problemática, o Eu passa a exigir uma fundamentação teórica mais vertical e detalhada do que aquela tecida na primeira tópica. Será justamente no artigo sobre o narcisismo que nosso autor fundamentará a sua constituição e as instâncias que o compõem, trabalho que prosseguirá na obra *O Eu e o Id (1923).* (SILVA,2014, p.23).

Assim, as três instâncias acima destacadas id, ego e superego relacionam-se para trazer para a realidade ações que sejam possíveis. A partir dessa relação da nova topografia, Fadiman e Frager (1986, p.10) dizem que “o propósito prático da Psicanálise é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-

se de novas partes do id". A segunda tópica do aparelho psíquico de Freud está mostrada na Figura 2:

Figura 2 – Segunda tópica do aparelho psíquico



Fonte:http://psicofadeup.blogspot.com.br/2011/04/freud-e-psicanalise.html

Fernandes (2002) descreve a mudança de estruturação do psiquismo da seguinte forma:

> Até esse momento, o modelo de estruturação do psiquismo de Freud faz coincidir o recalcado com o sistema inconsciente (Icc) e o ego com os sistemas pré-consciente/consciente (Pcc/Cc). De um lado as pulsões sexuais e do outro as egóicas, mas agora o ego tem uma parte icc e também é investido de libido, o que torna confusa a distinção entre pulsões sexuais e pulsões egóicas. Com a Segunda tópica, Freud propõe novas instâncias psíquicas para o aparelho, a saber, o Id (Isso), o Ego (Eu) e o Superego (Supereu). As duas últimas seriam formadas a partir das primeiras identificações e dos investimentos objetais correspondentes. Dentro das instâncias são identificadas formações específicas – ideais e instâncias críticas - como é o caso do ideal do ego.

O desenvolvimento descrito na citação acima acerca da distinção das pulsões sexuais para com as do ego refere-se à construção

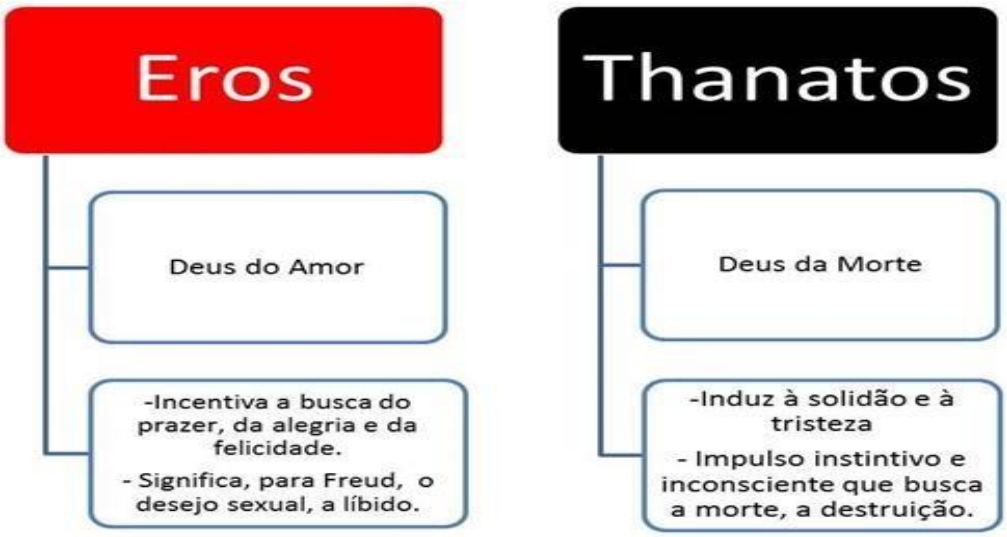
do segundo dualismo pulsional, no qual este primeiro é substituído por uma dual existência entre a pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos). Mais uma vez a mitologia é usada por Freud como metáfora para se compreender a relação entre as pulsões.

Segundo o mito grego, Eros é o deus do amor e Tânatos o da morte. Eros, detinha um arco e flecha com os quais enlaçava de amor homens, mulheres e deuses. Certa vez, Eros, embriagado pelo deus do sono (Hipno, irmão de Tânatos), adormeceu numa caverna e suas flechas acabaram por se espalhar no local e se misturar às flechas da morte. Ao despertar, apesar de saber quantas flechas possuía, levou sem perceber algumas que pertenciam à Tânatos, passando assim a possuir flechas de amor e morte (ALMEIDA, 2007).

Depreendemos do mito acima que as pulsões sexuais e do ego foram unificadas a partir do desenvolvimento do conceito de narcisismo e outros princípios, levando Freud a propor um novo dualismo pulsional e consequente aparelho psíquico como veremos a seguir.

As pulsões de vida referem-se à demanda interna que nos leva a buscar o prazer, a criação, a realização de projetos. Já a pulsão de morte é uma demanda que nos conduz a busca do isolamento, da estagnação e atos de destruição e morte. As relações destas pulsões são mantenedoras da vida e também incitadoras da morte, pois residem em conflito permanente. A maior parte dos nossos pensamentos e ações são resultado da combinação das duas (GARCIA-ROZA, 2008). A base destas pulsões está ilustrada na Figura 3:

Figura 3 – Eros e Tânatos



Fonte: http://www.gameblast.com.br/2015/12/vida-e-morte-como-os-gamesbaguncam.html

A Psicanálise nos trouxe assim, conhecimentos valiosos para se poder pensar uma nova educação para o corpo, para se pensar o corpo e poder inferir reflexões para a Educação Física. Dentre as diversas formas de atuação humana, na área da Educação Física e do pensamento sobre o corpo, a Psicanálise parece ser uma ferramenta de grande impacto para o bem-estar do ser humano.

2. PENSAR O CORPO

Pensando ser um dos principais objetivos da Educação Física contribuir para a consciência do sujeito em relação ao seu corpo, pensar sobre ele se mostra essencial. Seja pensar o corpo, pensar sobre o corpo e pensar com o corpo. Se nos reconhecemos no mundo enquanto corpo e também assim o fazemos a partir do outro, de que corpo estamos falando?

O corpo modelo, padronizado, cheio de contornos belos e medidos milimetricamente; o corpo potente, forte, torneado de músculos anatomicamente visíveis; o corpo saudável livre de gordura e tropeços como estrias, celulite; o corpo psicologicamente adequado, com uma aceitação de si mesmo, equilíbrio emocional, sem transtornos psíquicos, em paz consigo mesmo. Seria esse um corpo perfeito? Seria este um corpo inalcançável? Ou seria a ideia deste corpo que provoca todos estes efeitos colaterais?

Freud, ao desenvolver sua teoria do narcisismo, nos leva a refletir sobre como o ideal posto como meta pode não ser o padrão que nos leve à cumplicidade e relacionamento com o nosso corpo. O corpo perfeito que tanto se almeja precisa ser reconfigurado, repensado e reeducado. A Educação Física enquanto área que tem o corpo como principal objeto de estudo, segundo a abordagem que assumimos destacada na introdução, parece ser fundamental para tal reflexão como caminho para uma nova educação do corpo e, a Psicanálise, um possível aporte desse caminhar.

2.1 O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

> Ideais de aparência corporal, impossíveis para a maioria das pessoas, são ardilosamente promovidos como uma norma crucial, condenando vastas populações a sentimentos ilusórios de inadequação que as impulsionam à compra de soluções comercializadas. **Ao nos distrair de nossos verdadeiros sentimentos, prazeres e capacidades corporais**, esses ideais, incessantemente divulgados, também nos cegam para a diversidade de maneiras como podemos melhorar nossa experiência do corpo. Em nossa cultura, a autoconsciência somática está excessivamente direcionada para uma consciência de como o corpo aparece para os outros segundo os termos de normas sociais arraigadas de aparência atrativa e de como a aparência pode ficar mais atraente segundo os termos desses modelos convencionais. (...). **Não se dedica quase nenhuma atenção ao exame e aguçamento da consciência dos sentimentos e ações corporais reais** (SHUSTERMAN, 2012, apud PAULA, 2014, p.88, grifo nosso).

Tendo em vista a maneira como a educação e as aulas de Educação Física são hoje organizadas e direcionadas na maior parte das escolas brasileiras, o momento mais esperado por muitos alunos no cotidiano escolar é a aula de Educação Física. Seja para a prática de alguma atividade física, seja para ficar conversando sentado com os amigos ou para ficar isolado num canto. Conversando sentado com os amigos ou se isolar não se parecem muito com práticas relacionada à Educação Física.

Porém, tanto no âmbito escolar, quanto no âmbito acadêmico, a prática de atividades físicas que exijam destaque do corpo, em sua aparência ou performance, parecem causar um certo desconforto em seus participantes. De acordo com Cavalleiro (1999), "(...) a família e a escola serão os mediadores primordiais, apresentando/significando o mundo social".

Neste sentido, a instituição escolar, e mais precisamente as aulas de Educação Física podem ter um papel fundamental na construção da ideia e da relação do aluno com o corpo. Porém, o que fica evidente é a agressão física e principalmente psíquica que muitas vezes se dissemina num ambiente que deveria ser um local de segurança e oportunidade de vivências corporais (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012).

> Sem exceções, vivenciei longos e consecutivos anos de humilhação pelos docentes de educação física. Toda sexta-feira a minha ansiedade aumentava, sempre que, no flanelógrafo, eram publicadas as modalidades de exercícios físicos e esportes das aulas na semana seguinte. As modalidades em si não eram por mim temidas, mas a forma como os professores as aplicavam, sem adaptações para os diferentes tipos físicos, tais como o meu, em seu sobrepeso (CAVALCANTE, 2014, p.11).

> Muitos dos que buscaram as práticas corporais como profissão o fizeram movidos pela paixão que neles foi despertada a partir de experiências de movimento. Experiências essas que, nas suas primeiras manifestações, habitaram a esfera da magia (pois revelaram-se como suprassensíveis, misteriosas, embriagantes) (ROBLE, 2015, p.46).

> Mas, e as aulas de Educação Física? Onde o "conteúdo" é prático? É possível aprender a jogar vôlei sem praticar ou apenas observando os colegas jogarem? Realmente, a Educação Física é mesmo um grande desafio para os alunos tímidos, onde a exposição é eminente e praticamente inevitável. (...) A ideia de que o aluno tímido possui a capacidade de assimilar 50

> conhecimentos observando, ouvindo, refletindo, foi confirmada no decorrer da pesquisa, ao constatar que os alunos entrevistados, denominados como tímidos, eram possuidores das melhores notas da turma em questão, com exceção da disciplina da Educação Física, onde a ação física é determinante da aprendizagem. Tais aulas pouco possibilitam os alunos tímidos oportunidades efetivas de participação, talvez por temerem não alcançar as expectativas do professor ou do grupo, por se sentirem oprimidos pela situação posta pela competição, ou ainda pelo receio de se tornarem vítimas de críticas e discriminação (AGUIAR, 2010, p. 26; 50).

O corpo na Educação Física vem há muito tempo, pelas características sociais e históricas da área, sendo visto a partir de suas funcionalidades e potencialidades. Valores como status social, beleza, comercialização soam como aliados às capacidades físicas de performance esperadas e transformam as aulas de Educação Física e o próprio corpo desses alunos em locais de profunda depreciação e sofrimento. Fenômenos sociais como *bullying*[5] encontraram morada nas aulas de Educação Física e no ambiente escolar como um todo, e destes muitos transtornos psíquicos emergiram.

> A problemática do *bullying* não configura somente violências físicas e verbais. Por ocorrer constantemente, de modo insistente e sem dar às vítimas condições para se defender, muitos dos que sofrem deste tipo de violência acabam desenvolvendo problemas psíquicos decorrentes da pressão psicológica imposta pelos agressores. Silva (2010) relata que, entre os distúrbios, estão os sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, timidez patológica, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno do estresse pós-traumático. Ainda assim, a mesma autora afirma que os acontecimentos mais graves de *bullying* podem levar ao desenvolvimento da esquizofrenia e em casos menos frequentes – mas não menos importantes – ao suicídio e a homicídios (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012, p. 275).

A partir de reflexões como a apresentada, percebemos como o corpo presente na Educação Física não se restringe somente ao ambiente escolar. Comportamentos, construções, sentimentos e experiências vividos nas aulas se expandem para a vida pessoal do aluno, do professor e de todos os ali envolvidos, ou mesmo fazem o caminho inverso, com as imagens veiculadas na mídia, nos *outdoors*, nos clubes, nas academias,

[5] "Esse termo não possui tradução literal para o português. Mas, *bully* é o termo em inglês para "valentão" e *bullying* pode ser traduzido por "intimidação", o que reduz a complexidade do fenômeno a somente uma das suas múltiplas formas de manifestação". (LISBOA,2009, apud MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012)

nas revistas etc. Dessa forma, parece relevante a discussão da temática trazida no presente texto.

> Cabe ressaltar que essas imagens veiculadas como padrão de beleza são, muitas das vezes, manipuladas digitalmente, desenvolvidas artificialmente e que não condiz com as reais dimensões corporais da imagem real, tornando então essa busca do ideal de beleza saudavelmente inalcançável. Surgem então os problemas decorrentes do desajuste entre imagem e composição corporal, pois, para superar a discrepância entre a concepção de corpo ideal e o que se percebe de si (independentemente do estado nutricional), incorrese no uso de medicamentos moderadores de apetite, dietas patológicas, prática exagerada de atividade física e o que mais aparecer com a pseudogarantia da rápida obtenção do resultado esperado, ou seja, o tal corpo ideal (PAULA, 2014, p.88,89).

> Por que a Educação Física não concebe praticas corporais plurais, capazes de promover o crescimento humano de corpos também singulares e diferentes; corpos, especialmente, daqueles que não são hegemonicamente atléticos, hipertróficos ou másculos? Qual modalidade de saber e de intervenção seria capaz de preservar a dimensão de estesia de um corpo vivo e plenamente sensível? (CAVALCANTE, 2014, p.12).

A reflexão nos leva a pensar que o corpo visto a partir da relação com o outro, da relação com um inconsciente corporal e um desenvolvimento sadio, se adequaria mais facilmente às divergências e estereótipos sociais a que está inserido. O ego não precisaria se utilizar de tantas estratégias para evitar o contato com particularidades do sujeito que são reprovadas socialmente pelo superego, ou seja, sem tantas demandas e imposições do modelo de corpo proveniente do exterior (superego), o ego poderia ser mais senhor de si e menos subserviente a esses ditames.

A ansiedade que se sente por estar em contato com o corpo, seja com o seu próprio ou com o corpo do outro, não pode ser determinante de uma vida corporal fragmentada e destituída de sentido. A ansiedade é, em grande medida, uma libido contida, pulsões não realizadas, experiências traumáticas que voltam para nos assombrar. Ela é resultado do conflito entre as inclinações do id e a ameaça de punição do superego, que foi construída a partir de um olhar destrutivo do outro (FREUD, 1917/1969).

Este espaço que o corpo pode ter em nosso pensamento não se restringe somente ao ambiente escolar, mas também ao acadêmico, onde práticas que também podem ser depreciativas configuram a formação do

professor. As áreas relacionadas ao corpo têm importância, na mesma medida ou não, no sentido de maximizar as escolhas, os sentimentos e práticas que permitam aos corpos sentirem-se de forma plena. A Educação Física, nesse sentido, precisaria superar seu papel tecnicista e reprodutor de padrões que muitas vezes exerce para assumir a função transformadora e libertária.

> Considero que uma superação do modelo tradicional de Educação e um olhar para um corpo arquígono[6] perpasse pelo reconhecimento e pelo desejo de dar vez e voz ao saber sensível, sabendo se apropriar do conhecimento inteligível, mas sem ser dominado por ele, comunicando os sentidos, os pensamentos, as vivências corporais do ser com ele mesmo, com o outro, com a natureza, criando novas possibilidades de aprendizagem de um indivíduo vivido em corporeidade. (BEZERRA, 2016, p. 59).

Pensar na educação para o corpo, a partir do olhar sensível para que o sujeito encontre nas práticas que remetem a Educação Física a si mesmo e possa experienciar o seu corpo mais frequentemente de maneira agradável, pode permitir encontrar o caminho na elucidação do narcisismo e na relação do corpo com seu inconsciente, visto que a consciência do seu psíquico pode transbordar a si mesmo e nos corpos que o rodeiam.

2.2 CORPO(S) EM FREUD E O DISCURSO DO DESEJO

Em paralelo, ao pensar o corpo na Educação Física, o corpo na Psicanálise de Freud é peça para a construção de inferências e possibilidades para a área. Visto a dificuldade de delinear um corpo em Freud, é necessária uma breve contextualização.

Vigarello (2006) traça o contexto histórico do século XIV destacando a representação do corpo enquanto um lugar de incógnitas, devido às doenças que nele se apresentavam. Tal representação de local de enigmas vai se esvaecendo no século seguinte com a evolução da medicina e a decorrente descoberta anatômica dos órgãos internamente com os métodos dissecativos. Uma vez que os órgãos e seus

[6] Corpos arquígonos são corpos que se tornam vida a partir da própria vida em movimento incessante de ser vida, ultrapassando o crescimento e o embelezamento como finalidades de existir; (...) sendo o próprio tecido da vida, conseguem experimentá-la, afetando e sendo afetado pela vida. (CAVALCANTE, 2016).

funcionamentos eram conhecidos, a doença deixa de ser mítica para ser orgânica.

A partir do século XIX, a doença orgânica começa a dar espaço para o sujeito que a tem, o que tem como consequência a emergência de aspectos subjetivos dessa doença no sujeito e um olhar mais apurado para tal relação. Paralelamente, a crescente reflexão da comunidade médica e as propostas freudianas vão ganhando destaque (VIGARELLO, 2006).

Garcia - Roza (2008) destaca que Freud (1895/1990a) em suas primeiras ideias já apontava para o acúmulo da excitação sexual não descarregada como desencadeante da etiologia da neurose. Neste mesmo texto, o autor afasta-se do domínio biológico do corpo e adentra a sua esfera psíquica.

A despeito de frequentemente se apresentar as ideias entrelaçando os conceitos de corpo e narcisismo nos escritos psicanalíticos, Freud não delibera conceitualmente de forma explícita sobre o tema. Assim, o conceito de narcisismo evoluiu em sua obra e o atrelamento ao conceito de corpo ganhou sentido.

A segunda tópica do aparelho psíquico ao destrinchar a necessidade de o ego ser desenvolvido, já que não é inato ao sujeito para agir nas questões do autoerotismo, já acendia a ideia da existência de um corpo provocado por diferentes relações (FREUD, 1914). A fim de destacar tais relações e, de certa forma, delinear “corpos” em Freud percorrendo de maneira sucinta o caminhar psicanalítico do autor, serão destacadas brevemente as fases psicossexuais do desenvolvimento. Tais fases se articulam diretamente ao corpo que será posicionado em algumas das condições clínicas e teóricas apresentadas por Freud, assim também uma breve reflexão sobre o discurso do desejo na obra *A interpretação dos sonhos* (1900) será abordada para complementar o entendimento.

2.2.1 A teoria do desenvolvimento psicossexual

Parece habitual que uma das maiores críticas às teorias de Freud é a ideia de sexualidade infantil presente em seus textos, provavelmente porque o senso comum atribua à ideia ao ato sexual de fato.

Porém, o autor exaustivamente propôs a sexualidade infantil como orientadora na constituição da personalidade do sujeito em seu sentido mais amplo (FREUD, 1914/1974). Apesar de não ser o objetivo deste trabalho, as pesquisas pessoais que instigaram sua proposta revelaram o quanto as manifestações do comportamento sexual infantil estão presentes desde o nascimento e são também compatíveis com o olhar psicanalítico (CARVALHO, 2009).

Freud dividiu sua teoria das fases do desenvolvimento psicossexual em quatro distintas zonas erógenas: fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital. Não houve por parte do autor, mesmo que ele tenha indicado idades como referência, uma ordem e período fixos, podendo inclusive se destacarem mais de uma concomitantemente. As fases estão esquematizadas na Figura 4.

Figura 4 – Teoria do desenvolvimento psicossexual

Fonte: pt.slideshare.net/jbarbo00/freud-e-o-desenvolvimento-psicossexual

.

A fase oral compreende o estágio em que a boca é a primeira parte do corpo em que o sujeito, ainda bebê, tem controle, por isso a maior parte de sua energia libidinal é orientada para esta área. Enquanto bebê, o sujeito associa o prazer oral ao processo de alimentação. Já adulto, o sujeito pode demonstrar interesse em prazeres orais que vão além da alimentação, como chupar, mascar, fumar, morder e lamber, beijar entre outros (FADIMAN e FRAGER,1986).

A fase anal traz à criança outro tipo de satisfação, a de controle dos esfíncteres. Ela não só obtém o controle fisiológico como desperta em si mesmo um interesse por essa nova fonte de prazer proveniente de seus órgãos genitais. A criança tem grande satisfação em dizer que precisa ir ao banheiro.

> Características adultas que estão associadas à fixação parcial na fase anal são: ordem, parcimônia e obstinação. Freud observou que esses três traços em geral são encontrados juntos. Ele fala do "caráter anal" cujo comportamento está intimamente ligado a experiências sofridas durante esta época da infância. Parte da confusão que pode acompanhar a fase anal é a aparente contradição entre o pródigo elogio e o reconhecimento, por um lado e, por outro, a ideia de que ir ao banheiro é "sujo" e deveria ser guardado em segredo (FADIMAN E FRAGER, 1986, p.11).

A fase fálica remete ao estágio em que as áreas genitais do corpo são as que recebem maior atenção. Nesta fase, as crianças tomam consciência de suas diferenças sexuais e demonstram grande curiosidade por ver o órgão genital oposto. É nesta fase também que a criança vivencia o que Freud denominou por Complexo de Édipo, que será conceituado no próximo setor.

> O desejo de ter um pênis e a aparente descoberta de que lhe falta "algo" constituem um momento crítico no desenvolvimento feminino. Segundo Freud: A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e a terceira, finalmente, à feminilidade normal (FREUD apud FADIMAN e FRAGER, 1986, p.13).

A partir da fase em questão até o amadurecimento sexual, na puberdade, o sujeito vivencia um período de latência, no qual a sexualidade até então aflorada parece perder um pouco seu vigor. É neste período também que os conceitos ligados ao superego vão ser estabelecidos mais fortemente. A última fase da teoria do desenvolvimento psicossexual de Freud, a genital, acomoda o término do desenvolvimento biológico e psicológico e o retorno da energia libidinal aos órgãos sexuais. Aqui o sujeito já está consciente de sua identidade sexual e busca formas de satisfazer os prazeres dela oriundos.

> É com o início da puberdade que o desenvolvimento da sexualidade começa a tomar sua forma adulta. As pulsões sexuais, até então marcadas por uma forma autoerótica de obtenção de satisfação, encontram finalmente um objeto sexual em função da combinação das pulsões parciais sob o primado da zona genital. Freud coloca como novo objetivo sexual, nessa fase, a descarga dos produtos sexuais, subordinando a pulsão sexual à função reprodutora. Isso não significa, segundo ele, que a obtenção do prazer tenha deixado de se constituir no objeto final da sexualidade, mas que agora ambos os objetivos se fundem, conferindo à sexualidade um valor altruístico (GARCIA-ROZA, 2008, p.107).

2.2.2 O discurso do desejo em Freud

O corpo é a morada do desejo, ali o produz, o sacia, o transforma, o intensifica, o dissipa, o sente. Os desejos ao longo do dia começam ao despertar ou mesmo antes, nos sonhos. Os sonhos, muitas vezes, podem ser manifestações inconscientes de desejos. Eles têm uma faceta que provém da satisfação de um desejo reprimido. O porquê esse desejo foi reprimido geralmente acompanha os valores e a moralidade da cultura, do contexto no qual o sonhador se encontra. Às vezes, essa repressão está diretamente ligada ao sujeito, porém como ser, a moralidade o transforma. Os sonhos então, para compensar essa repressão, manifestam-se simbolicamente para alívio e satisfação destes desejos (FREUD,1900).

Ao despertar, os desejos continuam, quando o corpo pede por satisfazer necessidades biológicas como urinar, tomar café e muitas vezes a mente deseja junto ao corpo permanecer um pouco mais na cama. Tais desejos são simples de se perceber, realizar, mas o sujeito busca a

satisfação de desejos mais complexos, como viver plenamente, ser glorificado, ser desejado, ser feliz, entre outros.

Freud discorre que a criança deseja o peito da mãe para aliviar uma necessidade do corpo, e esta, ao supri-la, torna-se seu objeto de desejo. Essa relação de desejar e suprir o desejo faz com que o sujeito se sinta aliviado em suas tensões e necessidades. Quando o eu percebe que existe um outro, esse eu passa também a viver seus desejos projetados no outro ou em relação ao outro (FREUD,1900). Porque mais do que se desejar algo, talvez a satisfação do desejo de si e do outro produza no corpo e na mente uma sensação mais prazerosa do que para a primeira (FREUD, 1926/1996b).

Freud mostra que essa relação de ligação que se estabelece entre o desejante, o desejado e o que/quem satisfaz os desejos direciona as relações sociais que o sujeito vai estabelecer. Na criança, percebemos claramente que quando o outro faz o que ela quer torna-se seu preferido. Estas relações entre desejo e satisfação muitas vezes não conseguem amadurecer e alcançar novos estágios, criando assim novos desejos e anseios que, quando não satisfeitos, projetam-se no corpo e na mente, seja através de neuroses, psicoses ou doenças psicossomáticas (FREUD, 1895/1990a).

Muitos são os motivos que levam a não satisfação dos desejos, como o sentimento de culpa por não satisfazer o que se deseja. Este sentimento de culpa faz com que as ações do sujeito sejam regidas pela moral e faz com que elas consigam administrar suas ações nas próximas vezes (FREUD, 1908/1980b).

O satisfazer ou não o desejo é condicionado pelo que se fixa como proibido ou não. A proibição, às vezes, nem chega ao corpo, freia no pensamento de satisfazer o desejo. O corpo, por sua vez pulsiona cada vez mais forte o desejo de tocar-se, de sentir-se, de agir, e a mente nesse embate começa a entrar em choque sobre o quanto pode impedi-lo (FREUD, 1926/1996b).

Em seu artigo “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907/1980b) Freud pondera sobre o sentimento de culpa como um desejo proibido revivido pelo sujeito a cada novo impulso, fazendo com que a

repetição da vivência se transforme em ritual que acaba por abarcar as proibições como uma medida de segurança contra aquilo que não se “deve ser experimentado”.

O misto de sentimentos provocados pelo cerceamento do desejo no sujeito é explicitado: “O sentimento de felicidade derivado da satisfação de um selvagem impulso instintivo não domado pelo ego é incomparavelmente mais intenso do que (...) o que já foi domado” (FREUD, 1930/1980e, p. 98).

> Aqui, a renúncia instintiva não possui mais um efeito completamente libertador; a continência virtuosa não é mais recompensada com a certeza do amor. Uma ameaça de infelicidade externa - perda de amor e castigo por parte da autoridade externa - foi permutada por uma permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa (FREUD, 1930/1980e, p. 151).

As regras assim existem para proibir a natureza do sujeito, para controlar suas pulsões. Controlar o que pode ou não ser feito em sociedade e também podem ou não prejudicar quem as fazem. A moralidade faz com que essas regras sejam seguidas, e Freud mostra que se estas não existissem, a satisfação dos desejos mais internos do homem seria realizada. Porque a regra proíbe aquilo que o homem deseja satisfazer. É uma forma de rejeitar aquilo que se deseja fazer. E essa rejeição manifesta-se diretamente no corpo, tanto físico como psíquico (FREUD,1930/1980e).

Uma das formas de manifestar a repressão ou o recalcamento dos desejos no corpo é a sintomática. Em certa ocasião no meu trabalho, uma criança apresentou febre seguidamente por dias. A mãe ia buscá-la, levava ao médico e nada era encontrado. A febre passava, a criança voltava para a escola e em algum momento a febre reaparecia. Então, a professora perguntou para a mãe desde quando ela estava assim e como foi o último dia em que não esteve febril.

A mãe relatou que levou a criança ao shopping e que a mesma viu um brinquedo e o desejara. Os pais, por sua vez, disseram não poderem comprá-lo. No dia seguinte, a criança apresentou febre. A professora sugere comprar para ver se há alguma relação com o que a mãe havia relatado. Mesmo sem ter condições financeiras, a mãe compra o brinquedo e a febre passa.

Nesse sentido a insatisfação do desejo somatizou-se ao orgânico, mesmo sem intenção. E este exemplo da criança acima mostra acúmulo de tensão, de desejo não satisfeito, que não foi descarregado psiquicamente e ficou retido no corpo, no físico. O desejo recalcado foi definido objetivamente como febre.

Lacan (1975/1986) postulou o sintoma como um acontecimento do corpo, como uma característica em que o corpo fala criando um desconforto do qual o sujeito pode reclamar ou verbalizar. A dificuldade entre satisfazer o desejo e proibi-lo é desenvolvida por Freud através de dois conceitos, a obtenção de prazer e a regulação do mesmo, através da realidade e suas regras sociais estipuladas.

O sujeito como ser está sempre desejando algo. A constante insatisfação ou satisfação momentânea é o que o motiva a viver. Quando o desejo é realizado perde então sua significação e isso faz com que busquemos novos desejos. Por isso, um “bom” desejo é aquele que não se realiza instantaneamente. Como exemplo, podemos pensar na indústria de filmes pornográficos que proporciona, entre outros, a satisfação rápida de desejos sexuais. Por inúmeros motivos muitas pessoas preferem se satisfazer assim, é um desejo rápido que pode anular a necessidade de satisfazê-lo no corpo do outro. Então a velocidade dessa satisfação pode comprometer o desejo.

Apesar de não ter sido explicitada com alguma definição na obra de 1900 a palavra desejo, visto que comumente se remete ao prazer, poderia dificultar a compreensão entre desejos satisfeitos que não o são, Freud define o desejo como sendo a energia que traz o elemento mnêmico de uma vivência de satisfação. Tal experiência é fundamental para que se entenda o funcionamento da ordem simbólica e a constituição desse desejo no homem (FREUD, 1900).

A experiência primária do eu com o externo é através do desagrado, da insatisfação, do desprazer. É o momento em que é retirado do recém-nascido o leite, mais precisamente, o seio da mãe. Sendo assim, o seio é o primeiro objeto de desejo do ser, e separa o eu do mundo externo. É essa experiência corporal com o externo que dá a criança a inserção de seu narcisismo no mundo. A percepção do sujeito tal como

corpo se dá antes da percepção do todo no qual se insere (FREUD,1920/1996a). Essa percepção será descrita no próximo capítulo por Freud e corroborada pela teoria do Estádio de espelho em Lacan.

2.2.3O corpo na histeria

A clínica trouxe para Freud, como descrito em seu texto "Estudos sobre a histeria" (1895) o conceito de inconsciente e sua relação com o corpo. Os sintomas histéricos provocaram esse novo olhar. A histeria corresponde a uma das neuroses de transferência, também chamadas de psiconeuroses de defesa, e se traduz como uma aflição inconsciente convertida em um sofrimento corporal, expressando-se somaticamente (FREUD, 1916/1996c).

A transferência é um importante conceito psicanalítico que descreve o fenômeno que ocorre na relação entre o paciente e o analista. Essa articulação na Psicanálise não é somente da ordem do amor, como muitas vezes é compreendida, ela localiza o analista como um local de investimento, como destinatário do discurso do paciente. É na repetição do discurso que o desejo do paciente será atualizado e as figuras presentes nesse desejo da infância serão transpostas para o analista e, assim, vivenciado novamente (FREUD, 1916/1996c).

O não desenvolvimento do fenômeno da transferência impede a prática da análise, uma vez que é a parte mais importante da técnica analítica. No decorrer do tratamento analítico, a neurose clínica transforma-se em uma neurose de transferência em relação ao analista, cuja elucidação pode levar à descoberta da neurose infantil (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998).

Os sintomas deste tipo de psiconeurose histérica são expressão de um conflito psíquico, caracterizados pela regressão a pontos de fixação presentes nas etapas do desenvolvimento psicossexual[7]. Freud, enquanto

[7] O conceito de fixação é tomado nesta dissertação como um foco persistente em um estágio psicossexual. Até que este conflito seja resolvido, o sujeito mantém-se "preso" nesta fase. Por exemplo, uma pessoa que está fixada na fase oral pode ser mais dependente dos outros e pode buscar estimulação oral através de ações como fumar, beber ou comer.

médico neurologista, passa a compreender que tais sintomas não eram de ordem física, e sim, mental. Na histeria, o corpo demanda transpor as catexias libidinais às pessoas. Acerca do conceito de catexia é de extrema importância que seja compreendido em relação aos investimentos libidinais:

> Catexia é o processo pelo qual a energia libidinal disponível na psique é vinculada a ou investida na representação mental de uma pessoa, ideia ou coisa. A libido que foi catexizada perde sua mobilidade original e não pode mais mover-se em direção a novos objetos. Está enraizada em qualquer parte da psique que a atraiu e segurou. (...). Uma vez que uma porção foi investida ou catexizada, permanece aí, deixando você com essa porção a menos para investir em outro lugar. Estudos psicanalíticos sobre luto, por exemplo, interpretam o desinteresse das ocupações normais e a preocupação com o recente finado como uma retirada de libido dos relacionamentos habituais e uma "extrema" ou "hiper" catexia da pessoa perdida. A teoria psicanalítica está interessada em compreender onde a libido foi catexizada inadequadamente. Uma vez liberada ou redirecionada, esta mesma energia está então disponível para satisfazer outras necessidades habituais (FADIMAN e FRAGER, 1986, p.9).

Freud destaca que a histeria se comporta como se a anatomia fosse ausente, um corpo fantasmático. A anatomia é definida pelo que se sente, como por exemplo, úlceras, tosses, febre, asma etc. As reações emocionais são manifestadas exageradamente a ponto de parecerem simulações (FREUD,1895/1990a).

2.2.4O corpo obsessivo

Outra neurose de transferência é a obsessiva. Enquanto obsessão a neurose alude à consciência da aflição pelo pensamento. O desejo inconsciente é deslocado para o campo das ideias conscientes, ligado às representações mais toleráveis. Se a sexualidade tem um campo de vivência no corpo, na obsessão, a frigidez, as impotências ou compulsões sexuais, hipocondria, entre outras se fazem presentes (FREUD, 1926/1996b).

A relação do sujeito obsessivo com o corpo possui singularidades como a manutenção de um corpo inibido em relação a tudo que faça referência ao sexual. Faz do corpo um casco inviolável que

quando menos se espera, transforma-se em traiçoeiro. Sobre a relação de mulheres obsessivas com seus corpos, destacamos a citação a seguir:

> Drogadas compulsivas, as obsessivas, escravas da perfeição, consomem obedientemente as drogas que prometem um alívio que nunca chega. Seja em busca de um sono tranquilo, de um controle da ansiedade e da tristeza, de um corpo perfeito, a medicação ocupa o lugar de um objeto a mais que atue no que está fora do lugar, no que não funciona bem. Essa medida de perfeição é o que deteriora o sujeito e o conduz a um mestre absoluto. Outro típico de seu tipo clínico: a morte. Preso em seu labirinto, onde o desejo se esconde, ela ou ele trabalha incessantemente para a morte, isto é, faz de sua neurose um modo de viver a questão da morte e elidir o desejo que coloca em jogo a finitude, a contingência e o risco (COPPUS e BASTOS,2012, p.2).

O corpo obsessivo, ao tentar controlar seus desejos, se vê também destinado a experimentar constantemente a angústia. A não projeção de um sintoma, ao inibir seus desejos, faz com que o corpo "dê corpo" a angústia de modo físico, como aperto no peito, autoflagelamento, insônia entre outros, os quais não são sintomas da inibição. Assim, no corpo obsessivo se vê a relação não com qualquer aspecto do mesmo, mas numa relação fundamental e principal, a sexualidade.

2.2.5 O corpo erógeno

O corpo psicanalítico, que assumimos neste texto em seus diferentes aspectos, é um corpo forjado na alteridade (FERNANDES, 2003). O corpo erógeno que aqui se quer delinear é aquele que recebe investimento libidinal, receptor das pulsões sexuais.

As primeiras experiências que o bebê tem com aquele que o supre, mais especificamente com a mãe, fará com que ele estabeleça vínculos afetivos, que experimente o prazer e o desprazer. Nessa gama de experiências, que vão da alimentação ao aconchego, o sujeito vai desenvolvendo a sua sexualidade e constituindo seu corpo erógeno (FREUD,1920/1996a).

A percepção do outro faz com que o bebê perceba que partes do seu corpo podem fazer com que aquele que de que ele depende volte-se para ele, como chorar quando está com fome, quando quer colo, quando

precisa ser trocado. O bebê desfruta de prazeres erógenos, mesmo em situação que posteriormente serão muito particulares, como a defecação.

É essa concepção de sexualidade infantil, que a princípio não foi compreendida, um dos grandes motivos da resistência à Psicanálise, uma sexualidade que serve como ferramenta de preservação da vida, que permite se falar em um corpo acima de tudo erógeno. Assim, o corpo erógeno é marcado por uma forte experiência sexual, porém necessita dessexualizar um órgão ou uma parte do corpo para que suas funções sejam equilibradas (FREUD, 1905/1996f). É importante lembrar que o narcisismo desconstrói a ideia de partes erógenas para um todo erógeno.

2.2.6 O corpo no autoerotismo e o eu-corporal

> [...] um estado original da sexualidade infantil anterior ao do narcisismo, no qual a pulsão sexual, ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo. Quando Freud afirma que o autoerotismo se caracteriza por uma ausência de objeto sexual exterior, o que ele está defendendo não é a existência de um estado primitivo "anobjetal", mas sim o caráter contingente do objeto da pulsão sexual, pois é exatamente essa característica que vai distinguir a pulsão sexual do instinto, para o qual haveria um caminho pré-formado em direção a um objeto determinado. Anteriormente à fase autoerótica, na qual a pulsão sexual perde seu objeto, há uma fase na qual a pulsão se satisfaz por "apoio" na pulsão de autoconservação e essa satisfação se dá graças a um objeto: o seio materno (GARCIA-ROZA, 2008, p.99).

O corpo autoerótico é aquele em que o sujeito não investe suas pulsões no outro, mas em si mesmo. Nesse sentido, pode-se perceber que o corpo autoerótico posiciona-se anteriormente ao narcisismo, pois ao adentrar o eu-narcísico, sustentará a ideia de que o próprio corpo pode ser seu objeto de amor, de um corpo que pode representar a si mesmo.

Assim, o corpo autoerótico demonstra a importância do corpo em si como norteador e constituinte do eu, do sujeito, e no qual ele vai experimentar os prazeres emergidos de si antes encontrado inconscientemente somente no outro. A esse corpoerótico será adicionada uma nova ação psíquica que permite a esse texto falar sobre um corpo narcísico, conceito que destacado no próximo capítulo.

O sujeito ao se perceber como o outro e com o outro, já desloca seu eu para o corpo. Dessa forma, a partir da elaboração da segunda tópica

de Freud temse o corpo como um lugar e função para as emoções e sensações que regem a vida do sujeito, para além das questões biofisiológicas.

O eu-corporal é o corpo que se relaciona com o que está dentro e fora, que a partir de representações externas e internas estabelece relações, que traduz para si mesmo aquilo que antes era subjetivo. Assim, o corpo é um limite e também extensão da formação do eu, de maneira que este é também estruturado como corpo (FREUD, 1923/1990b). A relação do eu, sua formação e consequente relação com o outro emerge do desenvolvimento do conceito de narcisismo.

3. SOBRE O NARCISISMO

Inúmeras vezes vê-se o termo “narcisismo” sendo utilizado apenas de forma pejorativa, fazendo alusão a um exagerado apreço por si mesmo. Tal ideia popularizou-se, entre outras razões, pela disseminação do mito de Narciso. A primeira alusão ao mito de Narciso, visando o entendimento do psiquismo humano, foi feita em 1887 pelo estudioso em psicologia Alfred Binet buscando descrever uma forma de fetichismo, quando a própria pessoa tornar-se-ia objeto sexual (ROUDINESCO E PLON, 1998).

Segundo o mito, Narciso nasceu na região grega da Boécia e era muito belo. Quando nasceu, um dos oráculos, chamado Tirésias, disse que Narciso seria muito atraente e que teria uma vida bem longa, entretanto, ele não deveria admirar sua beleza, ou melhor, ver seu rosto, uma vez que isso o amaldiçoaria. Além de ter uma beleza estonteante, ele despertava a atenção de muitas pessoas (homens e mulheres) e era arrogante e orgulhoso. Ao invés de se apaixonar por outras pessoas que o admiravam, ele ficou apaixonado por sua própria imagem, ao vê-la refletida num lago.

A bela ninfa Eco apaixonou-se por ele, no entanto, seu amor não foi correspondido, posto que Narciso ficou atraído por sua própria imagem. Devido ao excessivo amor por si próprio e menosprezo pela ninfa Eco, ela lançou um feitiço sobre Narciso, que ficou definhando até morrer no leito do rio. Com sua morte, o belo jovem foi transformado em uma flor.

> O mito grego é de uma riqueza muito grande. Não foi acidentalmente que Freud construiu grande parte de sua teoria psicanalítica no mito de Édipo, nem é por acaso que todos nós nos identificamos com este mito [...] Remitizado e, de certa forma, ressacralizado, passou a ser analisado como um arquétipo. "O inconsciente coletivo é constituído pela soma dos instintos e dos seus correlatos, os arquétipos. Assim como cada indivíduo possui instintos, possui também um conjunto de imagens primordiais"[8]. Assim, temse o mito como exteriorização de conteúdos do inconsciente coletivo (BRANDÃO, 1986, p.383;14).

[8] JUNG, C. G. A Natureza da Psique. Petrópolis. Editora Vozes, 1984, p. 73.

Para entender a noção de narcisismo desenvolvida por Freud percorremos um caminho que se inicia no começo do século XX com a leitura dos *Artigos Metapsicológicos*, em especial o que se intitula: *Sobre o narcisismo: uma Introdução*, de 1914. Tal data é considerada, apenas para demarcar o momento em que o narcisismo se estabelece definitivamente em sua obra, visto que, ao longo do texto, tenhamos feito menções acerca de textos e conceitos do autor anteriores a este.

Freud faz menção ao termo pela primeira vez em uma reunião na Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1909, e o menciona publicamente em 1910 em uma nota[9] na segunda edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*[10]. Ao final do mesmo ano, trata de forma mais extensa o conceito no livro *Leonardo*. Neste momento, pode-se considerar que o termo se aplicou basicamente ao estudo a partir de relações homossexuais. É o modelo narcísico no qual o sujeito busca seu próprio ego e, por identificação, encontra-o no outro, do mesmo sexo ou no da mãe (FREUD,1914/1974).

O termo narcisismo foi escolhido por Paul Näcke em 1899 para descrever o comportamento clínico de um indivíduo que contempla o próprio corpo enquanto corpo de um objeto sexual e nele encontra satisfação plena. Visto dessa forma, quando o narcisismo passa a absorver a total vida sexual do sujeito, é visto como uma perversão por desviar o comportamento que seria aceito sob leis e normas sociais. O sujeito busca satisfazer-se a si mesmo (FREUD, 1914/1974).

À guisa de comentário paralelo, vale ressaltar que o significado que Freud atribuía para o eu (ego) era o mesmo da psicologia do contexto em que fora escrito, como já descrito na introdução do presente texto. A partir do contexto em que introduziu o conceito de narcisismo passou a pensar o eu (ego) como objeto da pulsão. Essa modificação permitiu localizar o narcisismo entre o autoerotismo e o amor objetal, entendendo-o

[9] Freud destaca que a escolha de objeto sexual do invertido é marcada pelo de terem tomado a si mesmos como objeto sexual. Para tratar de pensar os mecanismos do desenrolar da homossexualidade que o termo narcisismo é inicialmente chamado, indicando já uma relação com a própria imagem.

[10] Com essa obra Freud rompe com a concepção de sexualidade naturalista do final do século XIX, na qual o que era considerado como normalidade sexual foi até então definida pela sexualidade na fase adulta.

como uma fase normal do desenvolvimento do indivíduo, onde o eu é visto como objeto (FREUD, 1914/1974).

Para entender essa localização narcísica no desenvolvimento do sujeito, Freud divide a conceituação em narcisismo primário e secundário, na qual são levados em conta os investimentos libidinais. A libido afastada do mundo exterior volta-se para o ego e, assim, possibilita uma atitude que pode ser denominada narcisismo (FREUD,1914/1974).

> Pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estádio do desenvolvimento da libido, entre o autoerotismo e o amor objetal. Este estádio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne suas pulsões sexuais (que até aqui haviam estado empenhadas em atividades autoeróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto (FREUD, 1911/1996e, p. 82).

É interessante notar que ao dizer que investimento volta-se para o sujeito, Freud utiliza o termo corpo, o que já corrobora com a ideia de que o corpo não é mais fragmentado, mas é um todo, um todo que agora se torna objeto de amor, de escolha, de investimento.

Freud descontrói a ideia de que só existirá objeto após a fase de escolha objetal, uma vez que no narcisismo primário o objeto já são o próprio eu, e um objeto externo será adicionado posteriormente, escolha que acontecerá no desenvolvimento do Complexo de Édipo. Freud (1900) apresentou o termo Complexo de Édipo para se referir ao conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino enquanto ainda criança experimenta com relação a sua mãe. Este conceito refere-se a uma fase no desenvolvimento infantil em que existe uma “disputa” entre a criança e o progenitor do mesmo sexo pelo amor do progenitor do sexo oposto. Mais uma vez Freud recorreu a um mito grego em sua teoria psicanalítica.

Quando a criança transfere seus desejos, ou percebe a satisfação de tais desejos, por outro ou a interferência do outro, muda sua percepção, inconscientemente, de relações. Por exemplo, quando percebe que o pai também tem desejos satisfeitos pela mãe que então, “toma parte de seu tempo”, a criança tem nesse momento o desejo de ocupar também o lugar do pai.

> Na tragédia grega, Édipo mata seu pai (desconhecendo sua verdadeira identidade) e, mais tarde, casa- se com a mãe. Quando finalmente toma conhecimento de quem havia matado e com quem se casara, o próprio Édipo desfigura-se arrancando os dois olhos. Freud acreditava que todo menino revive um drama interno similar. Ele deseja possuir sua mãe e matar seu pai para realizar este destino. Ele também teme seu pai e receia ser castrado por ele, reduzindo a criança a um ser sem sexo e, portanto, inofensivo. A ansiedade da castração, o temor e o amor pelo seu pai, e o amor e o desejo sexual por sua mãe não podem nunca ser completamente resolvidos. Na infância, todo o complexo é reprimido (FADIMAN e FRAGER, 1986, p.11)

No narcisismo primário, a ideia é de que a concentração da libido está dentro do eu, introduzindo o termo libido do ego para defini-la. Representaria de certa forma, uma espécie de onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais. Já no narcisismo secundário, Freud trabalha com a noção de que a libido antes dirigida para objetos externos se retrai para o ego já constituído, introduzindo o termo libido objetal. Em linhas gerais pontua uma antítese entre a libido do ego e a do objeto, quanto mais uma existir, mais a outra se exaure (FREUD,1914/1974).

É importante lembrarmos que o ego precisa ser desenvolvido em contrapartida aos instintos autoeróticos, os quais já estão presentes desde o início. Tal questão obriga a presença de uma nova ação psíquica sobre tais instintos a fim de provocar o narcisismo.

Diante de questões que perturbam o caminhar de Freud no estudo direto do narcisismo, o autor postula três meios de abordagem que permitem um melhor conhecimento da questão: a doença orgânica, a hipocondria e a vida erótica dos sexos.

Quanto à doença orgânica, Freud diz que o indivíduo com alguma enfermidade direciona suas catexias libidinais para seu próprio ego e somente quando se recupera coloca para fora novamente, numa expressão mais forte, afirma que “enquanto sofre, deixa de amar”. É extremamente relevante neste ponto de sua teoria como o corpo físico media a relação entre o eu e o mundo (FREUD, 1914/1974).

Parece-nos que uma relação possível que se pode estabelecer nesta parte do estudo é sobre os sujeitos que submetem seu corpo às extensas dores físicas em busca de um padrão diferente do seu. Extensas

horas de academia, repetição de movimentos que levam o músculo à exaustão, horas de jejum em nome de uma magreza exagerada. Será que Freud (1914/1974, p. 26), ao dizer que “alguém que sofre de dor orgânica e más sensações abandona o interesse pelas coisas do mundo externo”, nos concede uma ponte com a Educação Física e sua particular participação na vida psíquica do sujeito?

Quanto à hipocondria, Freud afirma que o indivíduo retira tanto o interesse quanto a libido dos objetos externos, concentrando-os apenas no órgão que lhe prende a atenção, mesmo que este não demonstre mudanças orgânicas significantes. Os objetos de amor seriam escolhidos então de dois modos que se contrapõem entre si: a escolha narcísica de objeto e a escolha de objeto por apoio. Neste ponto Freud destaca:

> É absolutamente necessário para nossa vida mental transpor os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos. Uma vez que um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas num último recurso devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar (FREUD, 1914/1974, p.8).

A terceira maneira pela qual aborda o estudo do narcisismo é através da observação da vida erótica dos seres humanos. Para esse entendimento, precisamos observar que as primeiras satisfações sexuais autoeróticas são vivenciadas com relação às funções vitais que têm como finalidade a autopreservação. Apesar de o bebê não ter capacidade neurológica para organizar seu esquema corporal, constrói seu reconhecimento frente ao outro, mesmo que seja seu reflexo no espelho.

> Seus instintos sexuais estão a princípio ligados a satisfação dos instintos do ego, porém quando já é capaz de diferenciar-se do outro, do mundo externo, ele se vincula com as pessoas que se preocupam com ele, são seus primeiros objetos sexuais. Essa concentração em um objeto de suas pulsões sexuais parciais[11], esse tipo e fonte de escolha objetal é denominada do tipo analítico ou de ligação (FREUD, 1914/1974, p. 54).

Pessoas que tiveram seu desenvolvimento libidinal afetado, suas escolhas ulteriores de objeto tomaram para si um modelo que não o outro que a supria, mas sim seus próprios “eus”, podem exibir um

[11] A pulsão é chamada parcial porque, segundo Freud, cada uma delas encontra satisfação pela excitação de um órgão.

comportamento narcisista como o citado no começo do texto. Por isso, nesta altura do artigo, Freud pontua que o indivíduo tem originalmente dois objetos sexuais: ele e a mulher que cuida dele. Assim tendo um narcisismo primário em todos os seres humanos, e em alguns casos, esse é o tipo que domina sua escolha de objeto.

Ainda nesse tópico da observação da vida erótica dos seres humanos uma comparação entre o tipo de escolha objetal para homens e mulheres é descrito. Pessoas do sexo masculino tendem a estabelecer o amor objetal completo do tipo de ligação, valorizando a questão sexual originada no narcisismo da criança e transferindo para o objeto sexual. Já pessoas do sexo feminino tendem a direcionar esta escolha concomitante ao amadurecimento de seus órgãos sexuais, antes latentes. Esse amadurecimento ocasiona uma intensificação do narcisismo original e seu direcionamento objetal. Nesse sentido, Freud afirma que mulheres com maior coerência narcisista são mais atraentes pelo fato de conseguirem afastar do ego qualquer coisa que o diminua. Segundo o autor, os caminhos para a escolha do objeto no narcisismo seriam:

> Se ama segundo o tipo narcisista: a) o que se é (a si mesmo); b) o que se foi; c) o que se queria ser; d) a uma pessoa que foi uma parte de si próprio. Para ele, a escolha do objeto por um indivíduo homossexual aproxima-se mais do narcisismo do que a heterossexual, porque escolhe o objeto a ser amado a partir da própria imagem (FREUD,1914/1974, p.36).

Freud considera, nesse momento, que a atitude de amor dos pais para com os filhos é uma forma de reviver o narcisismo que há muito vivenciaram. A busca desenfreada de atribuir todas as perfeições ao filho e descartar suas deficiências compreende no ponto mais sensível do sistema narcisista, a busca da imortalidade de seu próprio ego.

> (...) se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho (...) e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele (...). A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram (...). O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior (FREUD, 1914/1974, p.108)

Acerca ainda dos distúrbios do narcisismo original da criança, o autor traz o complexo de castração como sendo a parte mais importante de

acordo com sua pesquisa psicanalítica e diz que ela permite inferir a existência de uma época nas quais os dois grupos de instintos, libidinais e do ego, atuam mesclados e como interesses narcisistas. Já no indivíduo adulto, sabe-se que os impulsos instintuais libidinais sofrem da instabilidade da repressão patogênica se entram em conflito com suas ideais culturais e éticas.

Cabe aqui fazer um pequeno desenrolar complementar sobre o mecanismo de repressão que já foi explicitado na introdução. A repressão provém da constituição do ego. As características pelas quais o sujeito se entrega e pode elaborar no nível consciente, serão rejeitadas por outro, ou mesmo abafadas, antes que entrem na consciência. A diferença, então, entre os dois, que encerra o fator condicionante da repressão, pode ser expressa em termos que permitem seja ela explicada pela teoria da libido. O primeiro indivíduo fixou para si um ideal, pelo qual compara seu ego real, ao passo que o outro não formou qualquer ideal desse tipo. Portanto, a formação de um ideal seria, para o ego, o fator condicionante da repressão. Dada a criação deste ideal no sujeito, ele passa a reprimir pulsões em nome desse ideal e, portanto, passa a balizar ou ser balizado por este modelo.

Temos aqui a introdução de um novo conceito elaborado por Freud: o ego ideal, ou ideal de ego. Quando a criança percebe que não é mais o centro do desejo da mãe, o objetivo então será de fazer-se ser amada pelo outro na busca de reconquistar esse amor, o que só pode ocorrer se certas exigências forem satisfeitas - a do ideal de ego.

O narcisismo primário surge agora deslocado em direção a esse no ego ideal, o qual parece perfeito. Tal deslocamento mostra a incapacidade do ser humano de abrir mão de uma satisfação que desfrutou. Nem a criança nem o adulto estão dispostos a essa renúncia. Projeta diante de si um ideal substituto do que era seu próprio ideal.

> Enquanto o ego ideal tem seu modelo no narcisismo primário, o ideal do ego aponta para uma instância diferenciada resultante da convergência do narcisismo e da identificação com a fonte parental. Enquanto instância diferenciada", escreve Freud, "o ideal do ego constitui um modelo a que o indivíduo procura conformar-se". Temos, pois, duas identificações: a identificação narcísica primária, pré-edipiana e característica do ego ideal, e a identificação narcísica secundária, que é a identificação ao outro, característica do ideal do ego. Só podemos falar em ideal do ego a partir do

> momento em que se introduz o outro. Como diz Lacan, a partir do momento em que se dá a passagem do imaginário para o simbólico (GARCIA-ROZA, 2008, p. 204).

Muitas vezes a dificuldade de se atingir esse ideal leva ao aparecimento do mecanismo de defesa que Freud chamou de sublimação. A sublimação consiste em dirigir a pulsão sexual para uma finalidade diferente e não sexual, pela qual o sujeito visa objetos socialmente valorizados. O ideal do ego, embora não possa forçar a sublimação, parece influenciá-la no que diz respeito ao objeto de sua busca (FREUD,1914/1974).

> A pulsão coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade (FREUD, 1908/1980b, p. 32).

Esta característica pode distinguir uma diferenciação já citada anteriormente entre o conceito de narcisismo e autoerotismo, pelo fato então da libido investir o ego como objeto no primeiro enquanto o segundo é marcado por um estágio sem objeto.

Berg (2008), em pesquisa sobre a relação do corpo com a obesidade discorre que um sujeito obeso pode não corresponder à própria expectativa o que costuma gerar um sentimento de inferioridade, em que a percepção de um corpo imperfeito resulta em sentimento de culpa e frustração. A não conformidade com o ideal do ego traz sofrimento, uma vez que a expectativa do outro se tornou sua própria expectativa. Uma expectativa internalizada.

Uma forma de sublimação encontrada frequentemente nesses casos é a compulsão alimentar. O ato de comer torna-se ferramenta para o inalcançável corpo ideal e o sujeito come com dor e prazer. A obesidade parece ser assim uma estratégia do sujeito para se encaixar num quadro alternativo ao aceito socialmente. É como se ele desistisse do padrão para aceitar fazer parte de um grupo, o de obesos. Um sujeito que seja parcialmente fixado na fase oral do desenvolvimento psicossexual pode apresentar a compulsão alimentar como um hábito oral para aliviar a ansiedade.

A Educação Física tem estreita ligação com a questão da obesidade, assim como outras áreas, nutrição, por exemplo. Uma forma bastante difundida e “socialmente aceita” para se lidar com o sobrepeso é a prática de atividades físicas. Porém, o que deveria ser uma alternativa pode gerar transtornos se não for vista de forma mais cuidadosa. É certo que a prática de atividades físicas aumenta muitos dos aspectos ligados à uma qualidade de vida (a qual envolve fatores físicos e mentais), mas a repetição de movimentos que expõem o corpo aos seus “defeitos” pode gerar muitas vezes constrangimento e comportamentos destrutivos, como distúrbios alimentares e de imagem corporal.

> Ou seja, o corpo transformou-se em algo tão importante, complexo e sensível quanto outrora fora a alma. Não por acaso, é sobretudo em nome de seu peso e volume que inúmeros regimes são adotados, talvez com maior frequência e rigor do que, no passado, eram realizados jejuns para salvar a alma. Dessa maneira, se o corpo é hoje mais do que a morada da alma, ver se diante do espelho e embelezar são experiências atravessados por inquietações graves, ansiedades dilacerantes e ao mesmo tempo por expectativas revolucionárias em torno da sexualidade, da saúde e do sucesso profissional. (...) como ele é mutável e mortal, está no tempo e condensa dentro de si a memória das experiências vividas, nada em sua forma é permanente e totalmente submisso ao controle. É justamente por isso, enfim, que a imagem construída por cada um de seu próprio corpo teve poucas vezes, como agora, a oportunidade de ser tão densa e profunda; mas também, tão incerta e efêmera (SANT’ANNA, 2014, apud PAULA, 2015, p.100).

A Educação Física enquanto fomentadora de uma educação para o corpo ao não se atrelar a um ideal exorbitante, propiciando multiplicidade, liberdade, e o oferecimento de atividades físicas, estudos, discussões que olhem para as particularidades do sujeito (físico e mentalmente) tem a oportunidade de ser densa e profunda. Pode assim ser uma alternativa ao proporcionar elementos para que cada corpo construa sua imagem e eleve sua autoestima.

Dentre as consequências imediatas dessa condição, temos percebido um grande apelo e idolatria à imagem narcisista do corpo, que se traduz social e culturalmente nas instituições e nos discursos que nelas são produzidos. A escola, enquanto instituição social, não está imune a tais concepções, incorporando práticas que suscitam a crítica com fundo ideológico. Essas concepções contribuem para sedimentar a visão do corpo como uma superfície de inscrição de eventos, práticas e relações de

poder, sem apontar perspectivas distintas da simples crítica pela crítica, capazes de mostrar novos caminhos de re-significação do corpo nos espaços sociais.

> A Educação Física, por sua vez, constitui não apenas uma prática pedagógica onde professor e aluno se relacionam num espaço dinâmico; mas uma área de conhecimento presente na grade curricular da escola, onde o corpo, como seu objeto de intervenção, é o principal referencial a ser considerado no trabalho do professor e na ação do aluno. Desse modo, a Educação Física deveria servir para formar, criticamente, o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição de conhecimentos e experiências para a vida, respeitando as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro" (AZEVEDO e GONÇALVES, 2007, p.34).

Um sujeito que trocou seu narcisismo para abrigar um ideal elevado do ego, nem por isso foi necessariamente bem-sucedido em sublimar suas pulsões libidinais. Neste ponto, Freud estabelece a relação entre ego e autoestima, dizendo que tudo o que uma pessoa possui, realiza, ajuda-a a elevar sua autoestima. Pensando-se que a finalidade e satisfação de uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado, o fato de não sê-lo reduz os sentimentos ligados à autoestima (FREUD,1914/1974).

> A dependência ao objeto amado tem como efeito a redução daquele sentimento: uma pessoa amada é humilde. Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele. Sob todos esses aspectos, a autoestima parece ficar relacionada com o elemento narcisista do amor. [...] A principal fonte desses sentimentos é, contudo, o empobrecimento do ego, por causa das enormes catexias libidinais dele retiradas – por causa, vale dizer, do dano sofrido pelo ego em função de tendências sexuais que já não estão sujeitas a controle (FREUD,1914/1974, p.116).

Assim, quando a libido é reprimida, a catexia erótica é sentida como grave esgotamento do ego, a satisfação do amor não acontece e o enriquecimento do ego só ocorre se houver uma retirada da libido de seus objetos. O desenvolvimento do ego consiste em afastamento do narcisismo primário, dando margem a exaustiva tentativa de recuperação do mesmo. Esse afastamento, ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, só será satisfeito pela realização desse ideal. Neste parâmetro, o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal será o objeto amado.

Assim sendo, a repetida causa da paranoia por prejuízo ao ego, por frustração da satisfação dentro da esfera do ideal do ego, bem como a convergência da formação do ideal e da sublimação no ideal do ego, e ainda a involução das sublimações e possível transformação de ideais em perturbações parafrênicas fica mais compreensível (FREUD,1914/1974).
Entendemos, assim, que o narcisismo é concebido como aceitável, na medida em que atua como complemento libidinal do instinto de autopreservação. A importância do conceito de narcisismo desenvolvido por Freud fundamenta-se, principalmente, no fato de por ele, o autor reestruturar o esquema psíquico psicanalítico e direcionar o olhar para um corpo único e não mais fragmentário.

> Somente por meio do abandono de uma posição exclusivamente narcisista é que a vida do sujeito, totalmente dependente do objeto, é assegurada. Para o sujeito inicia-se uma longa e silenciosa luta, em que todos os esforços se voltarão para a distinção entre o "reflexo" da realidade e a realidade, entre o desejo e o objeto do desejo. Se o sujeito não é invadido pelo fluxo pulsional, mantendo-se capaz de considerar a realidade, o ego pode enriquecer-se através da identificação com o objeto – suporte primitivo de identificação. Caso contrário, Narciso transporá o mito, e ao confundir sua imagem com o seu reflexo no espelho, atualizará, no nível individual, a tragédia de quem se dissociou do corpo e ignorou a realidade na busca da realização de um desejo impossível (FERNANDES, 2002, p.113).

A Psicanálise promove assim que todo narcisismo é dirigido para o objeto do desejo do outro ou o outro como objeto de desejo. Portanto, a apropriação da imagem especular só se dá em sua perfeição quando essa imagem é investida pelo outro, e o indivíduo só se vê enquanto sujeito após viver a experiência da apreensão narcísica desta imagem almejada pelo outro; como enfatiza Costa: "todo narcisismo, portanto, surge e permanece dirigido" (COSTA, 1984, p. 162).

A Educação Física pode, apropriando-se desta ideia, educar o corpo de forma que a imagem de corpo perfeito que se busca não seja somente investida pelo olhar do outro, mas pelo próprio sujeito que olha para si com tão profundo amor quanto olha para o corpo com exigências irreais, postuladas pelo externo e idealizadas numa hegemonia de corpos que não existe. O olhar psicanalítico pode promover nos estudos sobre o corpo o questionamento deste ideal.

4. O CORPO NO NARCISISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Desde aí, comecei a procurar-me - ao eu por detrás de mim - à tona dos espelhos, em sua lista, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se sente na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito (ROSA, 1988, p. 79).

Até o momento pudemos relacionar que a primeira tópica possibilitava a construção do corpo na Psicanálise para Freud em vista do investimento libidinal que nele ocorria. O desenvolvimento do conceito de narcisismo trouxe um novo entendimento a partir de suas observações, o de não ser mais possível para a primeira tópica uma distinção única entre as pulsões de auto conservação e as sexuais.

O percurso trilhado psicanaliticamente entre a primeira e segunda tópica do aparelho psíquico aqui apresentados demonstrou como o corpo é um campo pulsional, onde as energias nele existentes ditam e orientam suas emergências e introspectividades. Porém, é somente com o desenvolvimento do ego, do eu, que o corpo deixa de ser um objeto abstrato para poder também ser investido. Todavia, com o desenvolvimento do conceito de narcisismo teria o corpo adquirido novas possibilidades de interpretação?

As reflexões até aqui ordenadas sugerem que o corpo, no narcisismo, deixa de ser marcado como partes, como recipientes que recebem investimentos libidinais. Parece haver agora a compreensão de um corpo unificado, um lugar que expressa a constituição do ego, do eu do sujeito, que o colocará no mundo conhecido por si e pelo outro. No ego ali então constituído é que os processos mentais serão organizados e este corpo será palco de todo movimento físico e psíquico oriundo de suas sensações e emoções internas e externas. Portanto, é na fase narcísica que o eu percebe o corpo e o coloca no mundo, e também percebe o que era o mundo antes da formação do eu. O não-eu (FREUD, 1923/1990b).

> Há casos em que partes do próprio corpo de uma pessoa, inclusive partes de sua própria vida mental – suas percepções, pensamentos e sentimentos –, lhe parecem estranhas e como não pertencentes a seu Eu; há outros casos em que a pessoa atribui ao mundo externo coisas que claramente se originam em seu próprio Eu e que por este deveriam ser reconhecidas. Assim, até mesmo o sentimento de nosso próprio Eu está sujeito a distúrbios, e as fronteiras do Eu não são permanentes (FREUD, 1930/1980e, p.84).

No narcisismo, o ego coloca o sujeito defronte com a realidade e essa ação psíquica dará entendimento a inúmeros desdobramentos que ocorrem no corpo, como fonte de prazer, mas um prazer, de certa, forma controlado. O princípio de prazer descreve como o ID busca a satisfação imediata de suas vontades e procura evitar a dor. O desenvolvimento do ego faz com que o sujeito suporte mais facilmente a dor e a frustração, impede que satisfaça seus desejos de maneira descontrolada e busque formas mais realistas e socialmente aceitas para tal questão, o que Freud chamou de princípio de realidade (FREUD, 1920/1996a).

A questão da satisfação e frustração e como são encaradas pelo sujeito afeta diretamente a sua autoestima, e por esta afetada. Assim, é no narcisismo que o conceito de autoestima é discutido de forma mais concreta. A autoestima do sujeito pode ser elevada ou não diante de suas escolhas, expressando assim o tamanho do ego que possui (FREUD,1914/1974).

O autor reconhece estar a autoestima do sujeito conectada à libido narcisista. Assim, nesse momento, o corpo narcísico pode ser delineado remetendo-nos novamente ao mito de Narciso, como aquele que ama a si mesmo como objeto, tomando a imagem que lhe é projetada como um outro corpo. Por essa via de entendimento do narcisismo, toma-se o corpo como um todo, como um recipiente libidinal, como um corpo narcísico.

No grupo das chamadas psicoses, as neuroses narcísicas foram conceituadas por Freud como destituídas de ferramentas pela Psicanálise para tratar os pacientes desse tipo de neurose. Isso porquê a neurose narcísica se caracteriza principalmente pela retirada da libido para o ego. O sujeito abandona as catexias objetais e as transformam em libido do ego (FREUD,1916/1996c).

Esta regressão ao narcisismo impossibilita o estabelecimento da transferência libidinal com o analista, e como já descrito, o não estabelecimento dessa transferência traz um impedimento técnico da realização do trabalho analítico (FREUD, 1920/1996a). Por não estabelecerem relação transferencial, as neuroses narcísicas permaneceriam inacessíveis à Psicanálise. Apesar dessa dificuldade, Freud não descartou um possível trabalho sobre as neuroses narcísicas a partir da observação destes estados e sobre a compreensão de suas características psicológicas (FREUD, 1917/1969; 1917/1980a). Portanto, a identificação narcísica que se forma no sujeito promoverá também a emergência do desejo e de seu reconhecimento. Promoverá o desenvolvimento e a manutenção de sua autoestima.

> Pelo narcisismo primário, o sujeito se materializa pelo não reconhecimento do outro, enquanto que pelo narcisismo secundário, aquele se materializa por esse reconhecimento (...). O que está em pauta, aqui, é a fronteira móvel entre o egoísmo e a alteridade. (...) Isso define duas cartografias corporais distintas, pois pela primeira o 'corpo-sujeito' estaria regulado pelo princípio do prazer e, pela segunda, pelo princípio da realidade (BIRMAN, 1998, p.22).

No texto "Sobre o narcisismo: uma introdução*",* Freud (1914/1974) desenvolve a autoestima da seguinte forma: uma parte residual do narcisismo infantil, uma das vivências que coleciona em busca do ideal do eu e uma proveniente da satisfação libidinal encontrada no objeto. Podemos destacar que a partir do momento que o conjunto de valores sociais, morais e comportamentais a que o sujeito está inserido confrontar-se com a parte residual do narcisismo primário, este poderá ser o marco de seu amadurecimento. O amadurecimento poderá ser visto através de uma autoestima que evidencie uma imagem de si equilibrada entre sua autoavaliação e a que vem do outro.

Comumente, vemos a prática de atividades físicas como alimento para o aumento da autoestima do sujeito. Porém, a prática de atividade física, seja em busca de saúde, de qualidade de vida, de lazer ou do treinamento está também imbricada aos valores de premiação ou punição, os quais orientam-se, na maioria das vezes, pelo padrão estabelecido socialmente.

A ideia de padrão adequado de comportamento, corpo e movimento acaba por afastar aqueles que ali não se encaixam, e por isso pode-se colocar também como papel da Educação Física, uma vez que se conheça as questões aqui levantadas acerca do desenvolvimento do ego e autoestima, a adequação dos estímulos e respostas ao sujeito enquanto praticante de alguma atividade ou graduando para orientação da mesma.

> O desenvolvimento da autoconfiança, a sensação de eficiência e autonomia são condições responsáveis pela adaptação da pessoa à fase tardia da vida (TRIBESS, 2006). Contudo, o insucesso na tentativa de reverter às alterações físicas decorrentes do envelhecimento, combinados com a exigência social por um corpo ideal difícil de ser alcançado, gera insatisfação com a aparência corporal e afeta a autoestima (VAREJÃO; DANTAS; MATSUO, 2007; MATSUO et al., 2007). Neste contexto, a imagem corporal, que é alterada durante o ciclo da vida, pode ser compreendida como uma subjetiva representação mental da aparência física que representa todas as formas que uma pessoa experimenta e conceitua seu próprio corpo (TAVARES, 2003) (FONSECA et al, 2014, p.429, 430).

O corpo então posicionado no narcisismo ressalta a busca do prazer e a fuga do desprazer, a busca da satisfação do desejo e a descarga da tensão provocada pela sua frustração, que coloca a Psicanálise como um entendimento necessário dentro da área da Educação Física, sendo o corpo seu objeto de estudo.

As representações que se associam como agradáveis e que se alojaram em seu inconsciente podem estar presentes nas diferentes atividades físicas e modelos de corpo apresentados ao sujeito. Neste âmbito, as escolhas que o sujeito fará em relação às suas práticas corporais será consequência do desenvolvimento do ego e formação da autoestima e, portanto, o adequado desenvolvimento da ação psíquica do narcisismo.

Se o reconhecimento da própria imagem do sujeito só existe em função e a partir do outro e a manipulação e modelamento das ações referentes começam desde o nascimento, ou até antes dele (quando as expectativas dos pais já “desenham” como será o bebê, seu nome etc., por exemplo), tanto a parte orgânica, quanto a psíquica deve ser amplamente considerada. Aqueles que podem agir diretamente sobre isso precisam entender e saber também sobre suas influências e possibilidades, para não

produzirem exigências além das quais o sujeito pode suportar ou diminuir seu potencial.

> Faz-se necessário dar importância a fatores externos que possam interferir no andamento do trabalho proposto pelo professor. O maior exemplo a ser citado é a pressão que os pais exercem sobre seus filhos as tentar satisfazer seus próprios desejos de infância ou ao projetar em seu filho um futuro promissor dentro do esporte (VOSER, 2011, p. 26).

Ortega (2008) constrói sua narrativa levando o leitor a ver o corpo como uma tela em que projetamos nossos ideais. Sendo ele primeiro e anterior ao todo, é o nosso cartão de visita no tecer da rede das relações sociais. Portanto, faz-se também o último reduto em que os indivíduos se sentem capazes de se reinventarem.

A emergência de uma cultura do narcisismo na sociedade mudou o papel do corpo enquanto ferramenta de expressividade e comunicação entre os indivíduos. Vigarello (2006) traçando a história da beleza desde o renascimento ao século XX corrobora com a percepção de que a imagem e a aparência tornam-se subjetivamente uma expressão do eu, a identidade íntima revelada do ser. A aparência deixa de ser apenas representante da estrutura social para representar o indivíduo e seus desejos e ambições.

O corpo de estrutura de produção e higienista passa a assumir o direcionamento das relações sociais cotidianas nos diferentes setores, sendo comunicador de gestos, feições, ideias, sentimentos, uma forma de propaganda ambulante. Por meio de sua aparência, o corpo age como instrumento de sedução e conquista do indivíduo em diferentes esferas de sua vida. Nesse sentido, o indivíduo passa a esforçar-se para alcançar os padrões, dentro do aceitável socialmente. E o corpo deve encaixar-se em sua forma física e estrutural (roupas, comportamentos, gestos).

Lacan (1949/1998) elaborou a metáfora do estádio de espelho como sendo a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. O eu não é um ponto de partida, pois ele há de ser constituído, não a partir de um amadurecimento biológico, e sim se estabelecer por intermédio de relações com o outro. Para Lacan, o ego ideal é uma formação narcisista ligada ao estádio do espelho.

> Essa experiência singular da criança pode ser compreendida em três tempos fundamentais. O primeiro tempo corresponde ao momento no qual a criança percebe a imagem de seu corpo e pensa que aquilo é um ser real, ou seja, há uma confusão entre si e o outro, que é confirmada pela relação estereotipada que mantem com os semelhantes. É no outro que a criança, nesse momento, se vivencia e se orienta, um transitivismo normal, pois quando a criança bate diz ter sido batida, quando vê a outra cair, chora. O segundo tempo corresponde a uma etapa de processo identificatório, pois é levada a perceber que o outro no espelho não é real, e sim uma imagem, e ela aprende a distinguir a imagem do outro da realidade do outro. O terceiro tempo é o momento da identificação primordial, porque além de ela estar segura de que o reflexo no espelho é apenas uma imagem e que é dela, recupera a dispersão do corpo desfacelado em uma unidade. Essa conquista da unidade corporal, e consequentemente, a conquista da identidade do sujeito, se dá em uma dimensão imaginária, pois é a partir de algo virtual (a imagem ótica) que ela se identifica (DOR, 1992, p.79,80).

Ortega (2008) afirma que o sujeito transforma-se para ficar igual ao outro. Insegurança, desejo do sucesso, busca pelo pertencimento, padronizam seu corpo para se encaixar nos parâmetros. Modifica-o para corporificar as relações. Dentro dessa ótica, o caminho parece ser um constante redemoinho, mantenedor do sistema que rege uma cultura de exaltação e culto ao corpo.

> Na relação do sujeito com o outro como uma autoridade, o ego-ideal, obedecendo a lei de agradar, leva o sujeito a desagradar-se como o preço de obedecer ao mandamento; o eu ideal, com o risco de desagradar, triunfa apenas por desagradar apesar da ordem (LACAN, 1966, p.671).

O corpo individual passa a ser também coletivo, já que se busca o padrão. O sujeito passa a olhar mais para o que deseja, para a imagem pela qual se apaixona, pelo padrão perfeito, do que para o que seu corpo necessita, isso parece ser um efeito direto de uma sociedade inserida numa cultura do narcisismo.

O mito de Narciso pode assumir uma posição extremamente expressiva nesse momento do texto. Narciso, ao se ver, contempla uma imagem que jamais encontrou em outro ser. A paixão estarrecedora por sua própria imagem nos indaga a pensar se ele se apaixona por si ou pelo outro (sua imagem). Apesar de ser desejado por todos, nunca alguém havia despertado seu interesse, agora, sua própria imagem passa a ser contemplada e por ela se apaixona.

Podemos ver nesta relação o impacto que uma sociedade narcísica pode ter na sociedade, a prisão em uma fantasia, em uma ilusão que buscamos no outro. A sociedade narcísica nos leva a sermos prisioneiros de nossas imperfeições e exigências. O outro, a imagem que nos constrói ou nos revela passa a ser nossa condição de significação de existência. Enquanto eu não for visto, eu não existo. Tal fato pode ser explicitado pelo uso das redes sociais, que nos mostra pessoas extremamente felizes, belas, poderosas e perfeitas, seja mascaradas pelos filtros e *photoshops*, seja por suas belas fotos e frases de motivação, mas muitas vezes são pessoas que vivem o inverso e têm nessa fantasia um misto de esperança, desabafo e um pedido de ajuda.

A imagem constrói uma fantasia que nos representa, que se assemelha ao desejo emergente do nosso ser, mesmo que seja destituída do real. Porém, na sociedade narcísica a fantasia se apresenta a todo momento como real, a vida como um espetáculo a ser assistido, no qual quanto mais adereços, mais *glamour*, mais perfeição, melhor. O que se quer a todo tempo é ser aprovado e inserido nessa cultura do narcisismo. É ter “aprovada” pelo outro a sua história, a sua existência, pois só assim parece passar também a ter sentido para o sujeito.

O sofrimento do sujeito advém entre outros do relacionamento com o outro, da inadequação das normas que regulam os relacionamentos mútuos dos sujeitos na família, no Estado e na sociedade. O problema localiza-se em torno da necessidade que o indivíduo tem de se associar ao outro para se sentir parte (FREUD, 1930/1980e). Contudo, a dificuldade do corpo do indivíduo para com as imposições contemporâneas para o mesmo, é promotora de uma ampla fonte de satisfações e frustações. Nessa dualidade de conquista e derrotas a que o corpo está sujeito, também está o que alimenta a autoestima do sujeito.

Em estudo sobre a formação da autoestima na infância e adolescência Assis e Avanci (2004) descrevem o comportamento e sentimentos dos alunos em relação às atividades que realizam no seu cotidiano. As autoras demonstram a fragilidade e a potência a que a construção da autoestima está sujeita e como o seu bom desenvolvimento os sujeitos promovem a capacidade de criarem estratégias para aceitaram

a si mesmo dentro de suas limitações físicas e psíquicas. Esta capacidade é uma das possibilidades, artifícios que a Educação Física pode promover como alternativa para a educação do corpo, investimento no debate do corpo singular e coletivo.

> Os adolescentes de elevada AE (autoestima) utilizam uma estratégia eficaz para enfrentar as deficiências que sentem possuir. 'Optam por atividades em que podem se dar bem e serem competentes'. Um aluno que se considera 'perna de pau' no ataque prefere ser goleiro, pois nessa posição é considerado o melhor e nunca fica no banco. Também investem energia e esforço para se dar bem nas atividades que escolhem. (...) Outra jovem de mediana AE ostenta comportamento semelhante; desistiu do vôlei, esporte em que é um 'fracasso', se conformando com as críticas que lhe são feitas, já que é muito baixinha para o esporte. Preferiu o futebol e se tornou artilheira. Entre os alunos de baixa AE não se percebeu a presença de estratégias para reforçar os aspectos positivos que possuem, provavelmente porque esses jovens não têm firmeza de suas próprias qualidades e acreditam pouco em si. As falas privilegiam o sofrimento e a visão negativa da própria competência na escola, com afirmações que, frequentemente, reiteram o fracasso ou dão abertura à dúvida. (ASSIS e AVANCI, 2004, p.140,141).

Assim, o sujeito busca aquilo que pode elevar sua autoestima, mesmo que precise idealizar uma construção imagética a um ideal real (ORTEGA, 2008). Quando o objeto que o sujeito busca tem a função de manutenção dessa autoestima é uma escolha predominantemente narcisista. A autoestima, assim, acaba por ser uma avaliação subjetiva que o indivíduo faz de si próprio, e o nível de criticidade dessa avaliação reside no quanto aproxima-se ou não do padrão ideal de ego que lhe foi construído.

> Uma parte da auto-estima é primária, resíduo do narcisismo infantil; outra parte brota da onipotência corroborada pela experiência (a realização do ideal do eu), enquanto uma terceira provém da satisfação da libido objetal". Sendo assim, apesar de o ideal do eu ter uma origem narcísica, ele pressupõe o abandono de uma condição de plenitude em favor da possibilidade de uma satisfação futura (FREUD, 1914/1974, p.97).

Em linhas gerais, o desenvolvimento do ego, como e com quais vivências, experiências, conceitos foi construído direcionou a intensidade de sentimentos ligados à autoestima do indivíduo, como: amor próprio, segurança, dignidade, orgulho entre outros. A Psicanálise fornece assim, num universo narcisista do ser, aporte para a Educação Física direcionar e

se orientar para o corpo do sujeito numa relação de transferência e emancipação.

4.1 O corpo no narcisismo: contribuições para a Educação Física

A noção de percepção do eu como corpo precede o entendimento do todo. Apesar de ambos, corpo e eu serem inseparáveis, se desenvolverem juntos, o corpo só passa a ser reconhecido como corpo enquanto imagem, a partir do desenvolvimento do ego, do eu. Dessa forma, o eu-corpo é necessário para que o sujeito entenda e se reconheça no mundo e é assim que podemos resumir em poucas palavras a importância da posição do corpo no narcisismo. O corpo é a superfície que propiciará o nascimento do eu.

A experiência primária do eu com o externo é através do desagrado, da insatisfação, o que Freud (1920/1996a) chama de desprazer. É o momento em que é retirado do recém-nascido o leite, mais precisamente o seio da mãe. Sendo assim, o seio é o primeiro objeto de desejo do ser, e separa o eu do mundo externo. É essa experiência corporal com o externo que dá a criança a inserção de seu narcisismo no mundo. Para Freud a criança é um ser narcísico e, também, perverso e onipotente. “O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida pode justificadamente ser atribuído a toda criatura viva”. (FREUD, 1914/1974, p.90).

Ao longo das leituras percebemos que o corpo no narcisismo parece revelar a posição de marca como da fase entre o autoerotismo e o amor objetal, do corpo em partes, para um corpo unificado. Um corpo representante da retomada teórica de Freud ao conceito de pulsão desembocando na criação da segunda tópica do aparelho psíquico, sendo divisor de águas de sua teoria psicanalítica e demarcando a tão relevante existência de um eu-corpo e o conhecimento de que o ego tem de ser desenvolvido.

Dissociar o sujeito do corpo cria contornos que tendem a dificultar que o eu possa existir, uma vez que a percepção do sujeito exige

também uma percepção corporal. A partir dessa percepção, que provém das necessidades biológicas a princípio, o eu começa a desenvolver-se como corpo biológico e psíquico (FREUD, 1905/1996f).

A cultura do narcisismo parece ter colocado ao sujeito exigências por vezes maiores do que ele pode suportar. A valorização de seu individualismo a fim de investir em si para alcançar um ideal trouxe também um distanciamento de si mesmo, por não conseguir se aceitar. A autoestima está constantemente posta em parâmetros pelo outro. O outro passou a ser seu espelho, talvez seu único espelho, dessa maneira, o sujeito vive num constante conflito e reestruturação de padrões, em que o mais forte, o mais poderoso, o que chegou primeiro dita o próximo nível, um misto de admiração, desejo e meta.

> Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal; a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autossuficiência e inacessibilidade, assim como a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina; e mesmo o grande criminoso e o humorista conquistam o nosso interesse, na representação literária, pela coerência narcísica com que mantêm afastados do seu EU tudo o que possa diminuí-lo (FREUD, 1914/1974, p.34).

As ambições e desejos do sujeito estão condicionados à velocidade e mudança dos modelos a eles relacionados. O sujeito passou a ser representante de personagens imagéticos que almeja ser e, com isso, as relações sociais tornaram-se mais superficiais, assim como a relação do sujeito consigo mesmo.

A fantasia e virtualidade substituíram o real, tornando muitas vezes o corpo um objeto superficial adestrado para essas imagens irreais. A despeito da fantasia, que é também um mecanismo de defesa, encontramos uma singularidade muito estreita com a autoestima e, portanto, uma relação que pode ser percebida para a educação do corpo pensada pela Educação Física.

Freud verificou que suas pacientes histéricas apresentavam uma curiosa relação com a realidade, que havia uma mediação entre elas e o meio que as rodeava (objetos, pessoas, afazeres). Uma relação mediada por investimentos, por expectativas, por modos muito peculiares

e curiosos de se relacionar, formas de reagir, maneiras de localizar o outro, e também modos muito específicos de se esperar algo dos outros. Tal mediação não gerava obstáculos aos pacientes, mas era uma forma de organizar a realidade que lhes era posta. Elementos que faziam pontes entre o sujeito e a realidade, elementos organizadores e estruturantes (FREUD, 1926/1996).

> Quando, contudo, fui finalmente obrigado a reconhecer que essas cenas de sedução jamais tinham ocorrido e que eram apenas fantasias que minhas pacientes haviam inventado ou que eu próprio talvez houvesse forçado nelas, fiquei por algum tempo inteiramente perplexo [...]. Quando me havia refeito, fui capaz de tirar as conclusões certas da minha descoberta: a saber, que os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos, e que, no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material (FREUD, 1926/1996, p. 39,40).

Este é o fio condutor que Freud usa para estabelecer a distinção entre realidade concreta e realidade psíquica. Freud trata que somos habitados por uma realidade psíquica, que é o lugar desde o qual o sujeito lida com a realidade, a maneira constante como lida com ela. Nesse sentido, a realidade psíquica é estruturante (FREUD, 1905/1996f).

Para entender, portanto, a fantasia, é crucial que se entenda inicialmente esse lugar da realidade psíquica em Freud, ressaltando que não há uma oposição entre realidade concreta e realidade psíquica. O que o autor traz é que não há como lidar com nada que seja concreto sem passarmos o tempo todo pela realidade psíquica, que é o modo de investir, que é o modo de se relacionar, é o modo de buscar algo do mundo e esperar algo do mundo.

Desta forma o que podemos apreender é que a fantasia é a maneira como o sujeito se apresenta nessa realidade psíquica (FREUD, 1905/1996f). Segundo Lourenço e Padovani (2013, p.322) “em síntese, de acordo com a teoria freudiana, as fantasias representam uma leitura subjetiva da realidade dos fatos, organizada a partir dos desejos e dos mecanismos de defesa do indivíduo”.

Em meio a esta realidade psíquica, a localização do sujeito, como ele se apresenta e como ele se localiza diante daquilo que lhe falta é um ponto fundamental também da fantasia, usualmente, a fantasia de um

encontro, a fantasia de completude, a fantasia de conexão, ou seja, como que o sujeito e o objeto se encontram. Mas a fantasia também mostra a forma como sujeito e objeto estão separados e não estão fundidos um ao outro. Então a fantasia é o modo de apresentar o encontro, mas é também a maneira de apresentar a distância, o espaço que existe entre sujeito e objeto (FREUD,1900;1913/1969).

A fantasia traduz como o sujeito vai atrás daquilo que lhe falta. Há uma distância entre o sujeito e aquilo que lhe falta. E esta distância revela muito sobre a autoestima do sujeito, porque a autoestima vai ser traduzida na fantasia do mesmo sobre si.

Ademais, a fantasia é a maneira como o sujeito sempre vai ao outro levando consigo algo que se interpõe entre ele e o outro. O lugar da fantasia é esse lugar do espaço, que articula, que organiza, mas que também mostra ao mesmo tempo um certo distanciamento entre o sujeito e aquilo que não alcançou.

Por este viés, compreendendo a fantasia como mecanismo que possibilita ao sujeito a constituição de uma imagem e uma forma de se relacionar com seu corpo (LACAN, 1962), temos aí um olhar que a Educação Física pode lançar para uma educação do corpo que tenha uma ação significante para o sujeito, no sentido de que ele se identifique com a imagem que sustenta, distanciando-se da imagem que o afasta de si.

A superficialidade que sustenta entre sua imagem real e a ideal pode levar a caminhos distintos: a compreensão da particular corporeidade do eu, respeitando sua forma, limites e pulsões, potencializando o sujeito para a vida, para a busca de saciar seus verdadeiros desejos ou a total negação do mesmo, vivendo sob a rédea de uma busca desenfreada pela construção de um novo eu, a partir do ideal de corpo do outro.

A Educação Física como construtora de novas perspectivas sobre o corpo pode em muito contribuir para a disseminação de novas reflexões acerca do olhar que se tem para ele e da sua subjetividade, que por ora parece tão cheia de hesitações. Assim, propiciar a articulação da Psicanálise com as discussões sobre o corpo tende ao aumento de experiências corporais para todos que delas participem.

> Sendo assim, a contribuição da Psicanálise à educação se daria no educador, isto é, psicanalisando-o para que saiba como se portar diante de seus alunos, impedindo que seus recalques reforcem os recalques deles. Ainda Millot (1987), é o próprio excesso do recalque do educador que o influencia a exercer a repressão sobre seus educandos. As ideias psicanalíticas, portanto, se forem bem entendidas pelos professores, lhes ajudarão a tirar uma enorme responsabilidade de seus ombros, pois lhes retira um controle excessivo e indesejável, lhes permitindo adotar uma postura mais humilde e consciente de seus limites no papel de ajudar o outro a se tornar um indivíduo livre e produtivo, ao propiciar uma relação humanizadora, auxiliando seus alunos a se tornarem capazes de julgar, de pensar criticamente, de estabelecer relações abstratas, enfim, de exercitar sua autonomia (BETTI e CHELLES, 2014, p.1).

Entender o movimento do corpo na Psicanálise, assumido no presente texto, através do narcisismo, contribuiu como mediação para reconstruções e reflexões em torno padrões, comportamentos e reproduções de corpo e movimento que afetam diretamente a vida do sujeito, uma vez que o desenvolvimento do ego ali se inicia, porém adquire interdições que não cessam até o final de sua vida.

Nesse sentido, o corpo no narcisismo não é visto somente como meio de expressão e motilidade, e sim como um receptáculo de desejos, sensações, frustrações e satisfações em constante mudança e direcionamento. A ausência discussão sobre os conceitos aqui apresentados pode impedir que novas conexões psíquicas possam ser construídas e, por extensão, novas experiências. Tal ausência parece impossibilitar o reconhecimento daquilo que há muito já foi reconhecido, o eu e o outro na direção de se aceitar o próprio eu e ter o outro como complemento e não única direção de seu ser.

A utilização de artifícios que permitam a expressão desse corpo, abstrato, inconsciente, subjetivo, descoberto no narcisismo, é uma das possibilidades apresentadas à Educação Física, visto que a área pode mediar ações por meio das práticas corporais por ela oferecidas, a fim de ressignificar padrões, modelos e comportamentos que por vezes oprimem o sujeito ao invés de instigá-lo a novas vivências e experimentações, corporais ou mentais.

A discussão dos conceitos psicanalíticos aqui presentes e a forma como o eu é reconhecido como corpo, verbalizar tais reflexões e

também como a prática analítica propõe são formas de poder entender o outro, a si mesmo e a impor limites ou localizá-los, mesmo que tardiamente. Parece válido ressaltar uma discussão acadêmica em Educação Física que propicie ao aluno aproximação com tal conhecimento corroborando com a presença da Psicanálise em campos diversos do saber, como de fato já vem ocorrendo em diversas áreas e que, na Educação Física, pode encontrar semelhante ressonância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de Freud aqui proposta não objetivou doutrinação psicanalítica para a área, mas a discussão e rediscussão, o conhecimento, o contato com um conhecimento de corpo diferente do habitual, podendo propiciar maior aceitação como fonte de prazer, desejo e constructos que podem ser explorados, entendidos e manifestos quando possível. As manifestações a que o sujeito está exposto talvez seja o caminho para diminuir a pressão sobre si mesmo e o acometimento dos idealismos e transtornos citados no começo do presente texto.

O corpo está além das institucionalizações, além dos julgamentos e doutrinamentos, não é apenas máquina produtora de força física, nem objeto de exibicionismos de músculos, mas é antes de tudo a expressão do eu do sujeito, de suas pulsões e capaz de expressar tantas outras coisas que talvez ainda sejam ocultas a ele.

As reflexões que aqui se inserem propõem, assim, serem uma contribuição, a partir da introdução de discussões sobre o corpo não muito frequentes na área da Educação Física pelo viés da Psicanálise. Não foi intenção do texto rediscutir conceitos da Psicanálise, mas em alguma instância estabelecer contato com a nova ideia de como o corpo pode ser visto sob uma perspectiva psicanalítica e inferir novos debates em torno das questões corporais, em especial para a Educação Física.

Vimos que o conceito de narcisismo ao trazer a ideia do ideal de eu, enquanto marcas diretamente formadas pela linguagem, leis e sociedade, demonstra o quanto as exigências veiculadas pelo outro são detentoras dos comportamentos expressos no corpo e pelo corpo. Como este corpo se esforçará para satisfazê-las.

O corpo simbólico, desenhado e moldado na relação com o outro começa a se destacar, é a identificação narcísica secundária, identificação ao outro tomado como ideal do eu. O simbólico traz a marca de uma relação sublimada. O imaginário é marcado pela idealização e pela relação dual (GARCIA-ROZA, 2008).

A Psicanálise, mais precisamente o conceito de narcisismo, pode ampliar a noção de corpo aprendido na Educação Física para além

do visto, para o corpo falado. O corpo falado descoberto na relação analítica, do sujeito consigo mesmo e do sujeito com o outro.

Nos aspectos apreendidos do narcisismo para a Educação Física vemos como o corpo, antes determinado pela identificação primária e substituído pela forma como o sujeito se vê e como pensa ser visto pelos outros na identificação secundária, pode ser trabalhado de forma a não ser movido somente por esse reflexo, mas construir o seu próprio.

O corpo e o corpo do outro podem ser discutidos na Educação Física a partir de uma reeducação que vise tomar o olhar alheio, não como uma imagem deformante, mas como uma projeção que pode ser associada à sua própria imagem.

O narcisismo contribuiu, assim, para a noção de corpo na Educação Física enquanto possibilidade de construção do corpo que pode ser sentido, vivido, escutado e falado. O corpo que não precisa mais ser apenas desenvolvido biologicamente, treinado, performático, rentabilizado e medido. Não são mais estruturas que, trabalhadas separadamente, moldam um todo e, sim, um todo pulsionado por desejos, sonhos, sentimentos, reações e incertezas que mesmo quando não tem as medidas padrões, a potencialidade dominante, nem os contornos mais belos, é também uma expressão do eu.

A Educação Física pode buscar educação para o corpo que pode torná-lo mais rápido, mais forte, mais potente, mas não precisa, por isso, propagar ou reproduzir as ideias já tão disseminadas de corpo ideal, de imagem perfeita, que podem trazer consequências desagradáveis para o bem-estar psíquico do sujeito. O corpo mais sensível, mais subjetivo, mais inconsciente, que seja condizente a realidade mais plausível. Um corpo que possa ser chamado de seu.

Narciso

Dentro de mim me quis eu ver. Tremia,
Dobrado em dois sobre o meu próprio poço...
Ah, que terrível face e que arcabouço Este meu corpo lânguido escondia!

Ó boca tumular, cerrada e fria,
Cujo silêncio esfíngico bem ouço! Ó lindos olhos sôfregos, de moço, Numa fronte a suar melancolia!

Assim me desejei nestas imagens. Meus poemas requintados e selvagens, O meu Desejo os sulca de vermelho:

Que eu vivo à espera dessa noite estranha, Noite de amor em que me goze e tenha,
...Lá no fundo do poço em que me espelho!

José Régio, in 'Biografia'

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, G. **A timidez no contexto escolar: um olhar sobre esta característica da personalidade humana na escola**. 2010. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

ALMEIDA, R. M. de. **Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo**. São Paulo: Loyola, 2007.

ASSIS, S.; AVANCI, J. **Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

BERG, R. Uma análise freudiana da obesidade. **Psique Ciência e Vida**. Ano III, nº 36. p. 18-23. 2008.

BETTI, M.; CHELLES, C. A transferência e o processo pedagógico na Educação Física Escolar. **Revista Digital Buenos Aires**, ano 19, nº199, 2014.

BEZERRA, F.L.L. Corpo Arquígono: relações entre corpo sensível, corporeidade e Educação. In: **Corpos Arquígonos**. Curitiba: CRV, 2016, p.57.

BIRMAN, J. A epopeia do corpo. Nostalgias. In: Bastos, L. Eu-corpando. **O ego e o corpo em Freud**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a Psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRANDÃO, J. **Mitologia Grega**, volume I. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

CARVALHO, G. **Sexualidade na educação infantil: entre o silenciamento e a vigilância**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas, 2009.

CAVALCANTE JR, F. Anarquizando os corpos da Educação Física: Do campo de batalha às novas poéticas. In: _____ (org.) **Corpos anárquicos**. Curitiba: CRV, 2014, p.11.

CAVALCANTE JR, F. (Org.). **Corpos anárquicos**. 1ª. ed. Curitiba: Editora CRV, 2014. v. 1. 114p.

_____ **Corpos arquígonos**. 1ª.ed. Curitiba: Editora CRV, 2016. v. 1. 210p.

_____ **Corpos excritos**. 1ª.ed. Curitiba: Editora CRV, 2017. v. 1. 206p.

_____ **Corpos extra-vagantes**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2015. v. 1. 170p.

CAVALLEIRO, E. **O Processo de Socialização na Educação Infantil: construção do silêncio e da submissão**. São Paulo: Hum, 1999.

COPPUS, A.; BASTOS, A. O corpo na neurose obsessiva. **Psicologia clínica**, vol.24, nº2 p.115-125. 2012.

COSTA, JF. Sobre a geração AI-5: Violência e Narcisismo. In:_____ (Org.) **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 117-189.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: 34, 1992.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

DRUBSCKY, C. **Até que ponto o narcisismo pode ser datado? Uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier**. Tese de doutorado - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FADIMAN, J; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986. FERNANDES, E. **Narcisismo**. Monografia – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.

FERNANDES, M.H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FONSECA, C. et al. Autoestima e satisfação corporal em idosas praticantes e não praticantes de atividades corporais. **Revista Educação Física.** UEM, vol.25, n.3, p.429-439. 2014

FREUD, A. (1946) **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: BUP, 1978 FREUD, S (1900) **A Interpretação dos Sonhos**. Edição comemorativa 100 anos, Editora: Imago, São Paulo, 1900.

_____ (1920) Além do princípio do prazer. In: **Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____ (1915) As pulsões e os destinos da pulsão. In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro:

Imago, 1980a.

_____ (1907) Atos obsessivos e práticas religiosas. In: **"Gradiva de Jensen" e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1980b.

_____ (1917) Conferências introdutórias à Psicanálise. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969

_____ (1895) **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1990a.

_____ (1926) **Inibições, sintomas e ansiedade**. Rio de Janeiro, Imago, 1996b.

_____ (1916) **Instinto e suas Vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

_____ (1914) **Introdução ao narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ (1917) Luto e melancolia. In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. _____ (1908) Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: **Ed. Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 1996d.

_____ (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In: **Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. _____ (1923) O Ego e o Id. In: **Ed standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1990b.

_____ (1915) O Inconsciente. In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. _____ (1930) O Mal-estar na civilização. In: **O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1980e.

_____ (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. **In: "Gradiva de Jensen" e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1980b.

_____ (1913). **Totem e tabu – alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GONÇALVES, A.; AZEVEDO, A. A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 201-219, jul./dez. 2007.

ROBLE, O. Experiência do movimento como prática da flanerie: poéticas de corpos extra-vagantes. In: **Corpos extra-vagantes**. Curitiba: CRV, 2015, p.39.

ROSA, J.G. O espelho. In: **Primeiras estórias**. 5ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p.79.

LACAN, J. (1975). **Joyce, o sintoma**. Coimbra: Escher S. A., 1986.

_____ (1949). O estágio do espelho In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.

_____ **Seminário A identificação**. 1962.

_____ **Seminário O objeto da Psicanálise**. 1966.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LASCH, C. (1979). **A Cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de janeiro: Editora Imago, 1983.

LOURENÇO, L.; PADOVANI, R. Fantasias freudianas: aspectos centrais e possível aproximação com o conceito de esquemas de Aaron Beck. **Psico-USF**, v. 18, p. 321328, 2013.

MARTINS, A. Filosofia e saúde: métodos genealógico e filosófico-conceitual. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 950-958, 2004.

MATOS, K.; ZOBOLI, F.; MEZZAROBA, C. O *bullying* nas aulas de educação física escolar: corpo, obesidade e estigma. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 7, n. 2, p. 272-295, 2012.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/ Acesso em: 11/02/2018

MIJOLLA, A. **Dicionário Internacional de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2005. v.1.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAULA, A.I de. A imagem corporal e a tão propalada padronização do corpo belomagro-forte. In: **Corpo Anárquicos**. Curitiba: CRV, 2014, p.87.

_____ Pelos poderes de Grayskull, eu tenho a força! Ou a Extra-Vagância na realidade seria dismorfia muscular?. In: **Corpos Extra-vagantes**. Curitiba: CRV, 2015, p.93.

RÉGIO, J. Narciso. In: _____ **Biografia**, 1929. Disponível em http://folhadepoesia.blogspot.com.br/2014/11/como-narciso-se-perde-umahistoria.html

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SILVA, J.L. **Narcisismo e pulsão de morte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, 2014.

SILVA, R. I; ZOBOLI, F. Reforma curricular: tensão entre bacharelado e licenciatura na Educação Física. In: **Anais do II Congresso Nacional de Educação: Educação, Trabalho e conhecimento: desafio dos novos tempos**. Ponta Grossa-PR, 2010. VIGARELLO, G. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro. 2006.

VOSER, R., VARGAS NETO, F., Aspectos pedagógicos das atividades físico-desportivas aplicadas às crianças. **Revista Digital Buenos Aires**, Ano 16, nº 155, 2011.